PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
29 Abril de 2020
Nº **265** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

MEMÓRIA | PÁGS. 3 A 5

Maria de Sousa
[1939-2020]

Desenho de Artur Santos

Confinados? Sim Conformados? Não

Desenho original de Hélder Bandarra.
Desenho em papel, lápis de cor agioto.

ENTREVISTA | Págs. 6 e 7

"Vila Nova de Gaia é um município culturalmente muito rico e dinâmico"

Vereadora da Cultura, Paula Carvalhal

EDUCAÇÃO | Págs. 18 e 19

Desafios à Liderança no Contexto Educativo no ensino público português

Por: Lurdes Neves

LUSOFONIA | Págs. 10 e 11

A verdade é só uma

Por: Leonel Cosme

EM NOTÍCIA | Pág. 21

5 de Maio: Dia Mundial da Língua Portuguesa

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: artesentreletras@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira

SEDE DE EDITOR E SEDE DE REDACÇÃO
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rua de Sistelo, 666
4435-452 Rio Tinto - Telef.: 224 854 290

Estatuto Editorial disponível no site www.artesentreasletras.com.pt
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
ISSN 1647-290X
DL: 435812/17
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
Levi Guerra | Lídia Jorge
Mário Cláudio | Maria Luísa Malato | **Miguel Cadilhe**
Rui Nunes | **Salvato Trigo**

COLABORADORES ESPECIAIS

A. Campos Matos | Adelto Gonçalves | **André Verissimo**
António Ferro | **António José Borges** | António José Queiroz
António Oliveira | António Simões Netto | **Armando Alves**
Artur Serra Araújo | **Diogo Alcoforado** | Carlos Cabral Nunes
Cristino Cortes | Domingos Lobo | **Eugénio Lisboa**
Francisco d'Eulália | **Francisco Simões** | Guilherme d'Oliveira Martins
Gomes Fernandes | Hélder de Carvalho | **Helder Pacheco**
Helena Mendes Pereira | **Inácio Nuno Pignatelli** | Isabel Pereira Leite
Isabel Ponce de Leão | Jorge Castro Guedes | **Jorge Sanglard**
José António Gomes | **J. A. Gonçalves Guimarães** | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Júlio Conrado | **Lauro António**
Levi Guerra | **Luís Cabral** | Manuel Sobrinho Simões | **Manuela Aguiar**
Margarida Negrais | **Maria Antónia Jardim**
Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira | **Maria Luísa Malato**
Maria Virgínia Monteiro | **Paulo Ferreira da Cunha** | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rodrigo Magalhães | **Rudesindo Soutelo**
Rui Baptista | **Silvina Pereira** | Vasco Rosa

PARCERIAS

CENTRO NACIONAL DE CULTURA

APOIOS

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA
EuroBic

Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do EuroBic

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

"A vida vai mudar, tudo vai mudar"
Rubem Fonseca

Para a palavra saudade não tenho sinónimo, não encontro conforto em qualquer outro vocábulo que signifique "mais ou menos" a ausência e a dor que nela habitam.
Não! Saudade é... saudade. Não tem tradução, não dá para colorir, não se encaixa em diminutivos nem serve para slogans.
Saudade não é para lembrar bons tempos, para isso há as memórias. Saudade é este aperto mitral quando morre mais um amigo, e nestes dias de "cólera", de "peste" e de "cegueira" foram dois, os amigos a quem não pude levar uma rosa branca para a despedida: Maria de Sousa e Júlio Couto, ambos vítimas da Covid 19, ambos pessoas a quem nunca deixarei de agradecer a amizade com que me distinguiram.
Júlio Couto foi meu grande "conselheiro" durante muitos anos sobre o Porto, suas ruas, tradições, as mais diversas, e curiosidades pícaras da sua gente bairrista. Da última vez que nos cruzámos ficou a promessa de uma série de pequenas crónicas sobre a nossa cidade para este jornal que ele viu nascer. Entretanto adoeceu...
Maria de Sousa chegou-me pela mão de outro muito saudoso amigo de ambas, Miguel Veiga, que a ela se referia como "a mais brilhante cientista" do nosso tempo.
Estivemos juntas no dia 5 de Março último, no Grémio Literário, em Lisboa, aquando da apresentação do livro/catálogo "Os Lusíadas na figuração de Levi Guerra", seguida da respectiva exposição. Alegre, daquele jeito contagiante, não me deixou dar-lhe um beijo, antes me desafiou a cumprimentá-la ao estilo romano, o que fiz, um pouco desajeitada, mas entre boas gargalhadas partilhadas por quem ia chegando, desde logo Leonor Beleza que teve o mesmo " tratamento"! Sentada numa moderna cadeira de rodas, com todos brincava e lembrava que seria sensato tomarmos medidas preventivas contra o vírus que chegava para ficar. Era a conceituada imunologista que falava e foi nesse momento que, pela primeira vez, tomei consciência de que nos esperavam dias difíceis! Não sabia que seriam tão amargos e que trariam luto à minha alma! Senhora de uma memória privilegiada, Maria de Sousa recordou a homenagem de que foi alvo em Fevereiro de 2018 na Árvore: "O que eu me diverti com a capa do seu jornal, é que gosto mesmo do modo como o artista me pintou. É que sou eu, não acha?" E mais uma vez me pediu para transmitir o seu agradecimento ao autor, Artur Santos. Aqui ficam, o agradecimento ao Artur e a reprodução do desenho na primeira página, uma pequena homenagem à sua memória, a que se juntam as palavras sentidas e afectivas de Guilherme d'Oliveira Martins, de Carlos Fiolhais e de Levi Guerra – este com um poema e um soneto, porque a poesia era uma das companheiras de todas as horas de Maria de Sousa.
Cada um na sua área, Júlio Couto e Maria de Sousa, deram o melhor de si pela Cultura e pela Ciência. Ambos gostavam de música, sendo Maria de Sousa uma conhecida melómana. O Júlio sabia tudo sobre as raízes do Folclore português. Ambos tinham um sentido de humor inteligente e cativante. Tínhamos planos para amanhã, mas o futuro chegou atrasado. Do passado, a memória do que se viveu e deste presente, as saudades!
"Se é certo que a vida é breve e frágil, também é verdade que a dignidade e a coragem lhe conferem a vitalidade que nos faz suportar os seus enganos e desditos", escreveu um dia Luís Sepúlveda, o escritor chileno que também faleceu recentemente vítima da doença que nos fechou em casa. Tive a oportunidade de o conhecer na Póvoa de Varzim, no Correntes d'Escritas, onde me autografou o livro "O velho que lia romances de amor". Este ano não pude estar presente na 21.ª edição daquele que é já um festival literário de referência nacional e internacional, pelo que a "História de uma Gaivota e do Gato que a ensinou a voar" não tem a dedicatória generosa e simpática com que o Lucho, como gostava de ser tratado, premiava os seus leitores. Este livro é uma fábula maravilhosa para estes dias de confinamento pois mostra como o impossível é muitas vezes uma "questão de prefixo"!
Podem matar-se as saudades?
São já demasiadas as partidas e insubstituíveis as palavras, os sorrisos e os abraços!
A todos, nestes tempos de maior inconformismo, votos de saúde e boas leituras em artes feitas.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda: *Porto* - Poetria, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis, Livraria Lello, Árvore, Unicepe, Tabacaria Batalha (Praça da Batalha, 151) e Tabacaria Maria Margarida (Rua Antero de Quental, 472), Tabacaria Santo António (Rua 31 de Janeiro, 20), Tabacaria O Papelão (Rua da Constituição, 15) ***Gaia*** - El Corte Inglès , Livraria Velhotes (Rua Gil Eanes) ***Póvoa de Varzim*** - Tabacaria Praça Marquês do Pombal ***Vila Real*** - Livraria Traga-Mundos

Guilherme d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

Memória

Maria de Sousa – A Ciência Como Cultura

Poucos dias antes de nos deixar, Maria de Sousa (1939-2020) escreveu o poema "Carta de Amor numa Pandemia Virica", que reproduzimos integralmente na invocação de uma cientista que amava as artes, a poesia, a literatura, a filosofia, a música e a cultura. Maria de Sousa foi uma médica, bióloga e mulher de cultura e de ciência de exceção, que nos deixou vítima do terrível vírus que nos assola. Lembramo-nos do seu livro "Meu Dito, Meu Escrito" (Gradiva, 2014), onde se encontra a força e a alegria da sua personalidade única. Era Professora Emérita da Universidade do Porto e fez um brilhante percurso internacional no Reino Unido (onde foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian) e nos Estados Unidos. Encontrei sempre em Maria de Sousa, que conheci em 1985, o genuíno entusiasmo de quem procura em cada momento o modo de chegar à dignidade humana pela vida, pelas ideias, pelo entendimento da complexidade, pela compreensão de que a descoberta corresponde ao sentido crítico e ao permanente inconformismo. Daí dar tanta importância ao desassossego, que nos leva ao exemplo, à aprendizagem e à experiência. Em 1966 tornou-se notada ao publicar no "Journal of Experimental Medicine" e na "Nature" dois artigos relatando descobertas fundamentais em imunologia na sequência de estudos realizados nos laboratórios do "Experimental Biology do Imperial Cancer Research Fund" em Mill Hill (Londres). Numa notável entrevista a Anabela Mota Ribeiro explicou, com uma grande simplicidade, o que fez nesse tempo: «Creio que todos saberão que temos linfócitos a circular. O que muitos não saberão é que os linfócitos não são uma população homogénea, com a mesma pátria. Uns nasceram no timo e saíram para a circulação no período a seguir à nascença, outros fora do timo, na medula óssea. Essa distinção não era clara em 1964. Ainda se pensava que talvez viessem todos do timo. O meu trabalho consistiu na observação de lâminas de cortes de órgãos linfáticos periféricos de ratinhos que tinham tido o timo removido no período neonatal. As minhas observações demonstravam que esses animais timectomizados à nascença ainda tinham linfócitos. E mais, os espaços vazios de linfócitos eram distintos dos espaços onde havia linfócitos, o que significava que as células pareciam saber para onde ir. Isso foi posteriormente demonstrado como uma técnica importante, a autorradiografia, que permitia seguir células marcadas. As do timo iam para o território a que chamámos área dependente do timo (tda) e que hoje é conhecida por Área T. E achei esse fenómeno de as células saberem para onde vão tão importante que lhe dei (em 1971) um nome: Ecotaxis».

Quando regressou a Portugal, desempenhou um papel fundamental na Universidade do Porto, no Instituto Abel Salazar, mas também, ao lado de José Mariano Gago no lançamento da política científica nacional. Como afirmou Manuel Valsassina Heitor: «Foi com a Maria de Sousa, com Fernando Lopes da Silva, que aprendemos a ser sujeitos em Portugal a avaliação científica independente, quando José Mariano Gago era presidente da JNICT no final dos anos 1980. Inicialmente testada para as ciências da vida sob a liderança da Maria, esta prática que hoje nos parece tão óbvia, só viria a ser alargada a todas as outras áreas científicas há 25 anos, com a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia». Não por acaso, Maria de Sousa citava muitas vezes o grande Garcia de Orta: «O que sabemos é a mais pequena parte do que ignoramos». E entendamos que se trata de um verdadeiro programa de vida e de conhecimento. Só essa atitude nos permite compreender como o espírito científico é uma busca permanente, de insatisfação, de persistência, de tentativa e erro, de regresso constante ao que podemos saber mais. Quando morreu o nosso comum amigo José Mariano, a Maria de Sousa, grande leitora e amante de poesia e de arte, escreveu: «Há os que passam e os que ficam / Há os que ficam onde os seus restos mortais ficarem ou cinzas forem dispersas / Há os que ficam nos que lhes são mais próximos: amores, filhos, mãe, amigos, mulher, etc. / Há os que ficam em muitos outros desconhecidos / Há em geral espaços em que todos ficamos mortos / Mas no tempo, na transformação do tempo / Só um ou outro raro e belíssimos no fazer e no fazer-se / Ficará. / Como este assim / Que será sempre encontrado no tempo todo / Na história da ciência na Europa / E neste nosso país / Transformando o nosso tempo/ Transformando-nos pelo seu Fazer / No Seu Fazer-se». E podemos dizer que nestas belíssimas palavras, encontramos facilmente também a sua autora, uma vez que, de facto, entendeu "o tempo todo", compreendendo que nos transformamos pelo que fez no sentido do que fazemos.

Francisco Pinto Balsemão recordou, aliás, no "Expresso", as extraordinárias qualidades de quem "sabia e sabia muito e explicava bem" e sobretudo que não havia domínio da cultura que lhe fosse estranho. Sou testemunha pessoal disso mesmo. E se era uma pessoa de esperança, era-o de fino humor, mas sobretudo de querer e de esperança, como fica bem evidente no último poema que escreveu:

«Carta de amor numa pandemia vírica.
Gaitas-de-fole tocadas na Escócia / Tenores cantam das varandas em Itália / Os mortos não os ouvirão / E os vivos querem chorar os seus mortos em silêncio / Quem pretendem animar? / As crianças? / Mas as crianças também estão a morrer / Na minha circunstância / Posso morrer / Perguntando-me se vos irei ver de novo / Mas antes de morrer / Quero que saibam / O quanto gosto de vós / O quanto me preocupo convosco / O quanto recordo os momentos partilhados e queridos/ Momentos então / Eternidades agora / Poesia / Riso / O sol-pôr / no mar / A pena que a gaivota levou à nossa mesa / Pequeno-almoço / Botões de punho de oiro / A magnólia / O hospital / Meias pijamas e outras coisas acauteladas / Tudo momentos então / Eternidades agora / Porque posso morrer e vós tereis de viver / Na vossa vida a esperança da minha duração.
3 de abril de 2020».

Onze dias depois, apenas, deixou-nos, recordando a plena vitalidade e o apego à vida que se comunica em permanência. E assim a sua memória está bem viva, como exemplo e como apelo a que a educação e a ciência de mãos dadas possam criar vias de esperança, sobretudo neste momento de incerteza e perplexidade. Como disse Sófocles: "Inúmeras são no mundo as maravilhas, mas nenhuma que ao homem se compare. É o ser dos recursos infindáveis".

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Levi Guerra
médico, prof. catedrático de Medicina, jubilado, UPorto

Evocação de despedida

Faleceu Maria de Sousa e Portugal ficou mais
Pobre.
Perdeu uma grande e prestigiada cientista,
Figura insigne, sábia, patriótica,
Nobre.
Alma grande de superior inteligência;
Brilhante.
De penetrante juízo e
De preciosos sentimentos;
De diamante.
Investigadora científica de grande mérito;
Notável.
De renome internacional,
Tanto quanto docente de exceção;
Admirável.
No uso dos seus dons excecionais,
Grandeza.
Incansável investigadora científica,
Fez luminosa carreira docente,
Com sageza.
Longos anos passados no estrangeiro,
Destemida;
Enfrentou exigentes dificuldades
Que com ânimo venceu;
Incontida.
Deixou marcas de prestígio
Duradouro.
Por tão longe ter conseguido chegar,
Lutando no presente para o tempo
Vindouro.
Chegada ao Porto ao ICBAS,
Esperançosa,
Pelo tanto que aprendera e fizera
No vigor da meia- idade
Realiza obra talentosa.
Oh! Acontecimentos que se não passam,
Sempre com cada qual!
Maria foi superiormente acolhida cá
Por Corino de Andrade e Nuno Grande,
Acolhimento que poucos têm igual.
Fez Ciência e ensinou Ciência,
Grande sonho realizado.
Na investigação, grandes conquistas,
Na pedagogia, superior eficácia.
Enfim, tudo bem consumado.
Uma universitária exemplar e rica
De experiência,
Do Mundo e dos Homens também.
Admirava a ordem do Universo
Que lhe revelava a Ciência.
Uma humanista insigne,
Servidora
Da sua Pátria, por si sempre bem amada,
Definindo rumos para a ciência nacional,
Sempre esclarecedora.
Alma sensível e delicada,
Amava magnólias floridas.
Poetava escritos suaves,
Uma simpatia para toda a gente,
Esquecendo feridas sofridas.
Hoje, seus amigos estão de luto;
Também a Academia Portuguesa,
Choram todos que consigo conviveram,
No país e no estrangeiro,
Uma profunda e espalhada tristeza!
Resta agora a todos nós, seus Amigos,

Para que permaneça a Sua Memória,
O que Ela no seu último adeus desejou,
Consciente que é na lembrança dos vivos
Que sobrevivem os mortais e a sua glória.

Um adeus a Maria de Sousa

Adeus Professora muito querida
Que deixaste esta vida transitória,
Em Deus descansa em Paz, bem acolhida,
Pelo que cá fizeste e te deu glória.

De superior inteligência ornada,
Deste-te à Ciência, como missão,
E foste longe nessa caminhada
Com sacrificada dedicação.

Deixaste cada teu amigo pobre
Sem desfrutar da tua sabedoria
Numa tristeza que o luto cobre.

Que no gozo duma eterna alegria,
Numa recompensa justa e nobre,
Lembra sempre quem tanto te queria.

Carlos Fiolhais
prof. universitário UC, tcarlos@uc.pt

Maria de Sousa (1939-2020): um testemunho

FOTO: DR

Maria de Sousa, que nos acaba de deixar, era uma mente superior. Tive o privilégio de estar perto dela várias vezes. Nesta hora em que uma amiga nos deixa é difícil ordenar a memória. Mas lembro-me, por exemplo, de um dia estar com ela em Southampton, num congresso dos estudantes e investigadores portugueses no Reino Unido (PARSUK) e não dar com ela em lado nenhum do hotel onde estávamos. Pois tinha ido, de táxi, assistir a um concerto numa igreja dos arredores. A sua rica vida interior exigia-lhe a música. Mas não se pense que era uma pessoa solitária: era antes solidária, pois não tendo tido oportunidade de avisar ninguém, logo nos disse qual era o próximo concerto que não poderíamos perder.

Tinha, como muitos grandes cientistas que tenho conhecido, um fino humor. O humor é, aliás, uma manifestação de inteligência. Boa observadora, a Maria era capaz de se rir de coisas que porventura outras pessoas não achariam risíveis. As suas mensagens continham sempre uma observação perspicaz, um comentário irónico. Trocávamos muitas vezes *e-mails* sobre a situação da ciência em Portugal e, mesmo quando estava mais para chorar do que para rir, ela sorria. Sorria por escrito, como só ela sabia. Os cientistas são optimistas, pois sabem que amanhã pode ser melhor quando fazemos por isso.

Figura modesta, contava pormenores da sua vida a quem sentisse próximo. Visitei-a na sua casa de Algés quando estava a preparar a edição para a Gradiva do seu livro *Meu Dito, meu Escrito* e a conversa, rodeada de livros por todos os lados, foi longa. Falámos, porque puxei o assunto, do livro que a tornou famosa *Um Mundo Imaginado*, de June Goodfield, no qual, apesar de ser a heroína (uma cientista portuguesa a trabalhar num laboratório americano), o seu nome nunca aparece (o livro, da colecção Ciência Aberta da Gradiva, está há muito esgotadíssimo). Esse livro, que li quando era mais novo, tornou-a para mim lendária. Mais velho, ali estava eu como que na casa de Madame Curie.

A ciência era a sua grande paixão. Estive como palestrante no programa doutoral em biologia (GABBA) que ela montou na Universidade do Porto. A sigla não é muito boa, porque pode dar a ideia de que se gabava. Não, mas tinha um certo orgulho não só no seu trabalho pioneiro de imunologia, que hoje está nos manuais da especialidade, mas também e talvez sobretudo no facto de ter ajudado, com José Mariano Gago e outros (lembro o saudoso Fernando Henriques da Silva, outro estrangeirado, este da Holanda, que também já nos deixou), a erguer o sistema de ciência em Portugal, criando instituições de raiz. Tinha razões para se gabar. Convidei-a, como director da Universidade de Coimbra, a falar sobre o livro de André Vesálio, *De Humanis Corporis Fabrica* (1543), do qual existe uma cópia na Biblioteca Joanina, que tinha sido restaurada e digitalizada. Ela falou na Joanina – um discurso memorável inserto no seu livro *Meu Dito, Meu Escrito*. A Maria preparava cada sua intervenção, como mostra essa obra. Lendo o conjunto dos textos das suas intervenções vê-se bem o seu conhecimento da história da ciência e a sua ligação, por exemplo, a Garcia de Orta. Tinha afecto por Coimbra, de onde recebeu o Prémio Universidade de Coimbra. Convidei-a depois disso outras vezes, mas ela, sempre com grande elegância, ia declinando. Não estava suficientemente preparada e demoraria a preparar-se. E depois foi ela que me convidou para o lançamento do seu livro no Hotel Quinta das Lágrimas, em Coimbra, onde estiveram João Queiró, Miguel Castelo Branco e Gonçalo Quadros.

Quando ela sugeriu o meu nome para trabalhar com ela (e com Fernando Henriques da Silva, Daniel Bessa e Luís Portela) num processo de reestruturação da Fundação Bial, do Porto, não pude deixar de aceitar, porque não tinha aprendido com ela a arte de dizer não. Não me arrependi: foram momentos bem passados e julgo que também úteis à Fundação. Espírito aberto, ela sabia porém distinguir ciência de pseudociência.

Também trabalhei com ela a partir de 2012 no Conselho de Ciência da Fundação Francisco Manuel dos Santos, onde estavam Manuel Paiva, Maria Mota, Elvira Fortunato, Irene Fonseca, Nuno Ferrand, etc. para debater de forma livre a ciência, tendo esse Conselho apoiado a ideia que lhes levei de criar uma rede de cientistas portugueses no estrangeiro, que foi feita mais tarde com o nome de GPS - Global Portuguese Scientists.

A morte não é o fim, para quem como ela deixa legado científico, pedagógico e literário (escreveu o livro de poemas *A hora e a circunstância*, Gradiva, 1988, com prefácio de Agostinho da Silva). O seu arquivo vai ficar na casa Reynaldo dos Santos, na Parede, outro nome grande da nossa medicina e da nossa arte. Fica o seu exemplo de dedicação plena, não apenas à ciência como à cultura. Ela sabia, como poucos, que a ciência é parte da cultura.

Vereadora da Cultura de Vila Nova de Gaia e a política cultural

Reagendar eventos privilegiando agentes sediados no município

Em tempos de isolamento social e de confinamento das famílias, a vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia respondeu a algumas questões sobre a aposta cultural no município. Também os constrangimetos devidos à pandemia foram abordados por Paula Carvalhal. Entre os adiamentos e cancelamentos inevitáveis, há reprogramação e compromisso: o de, por exemplo, "reagendar os eventos e privilegiar as entidades e profissionais sediados em Vila Nova de Gaia". Há incertezas. Que terão motivado não responder à questão que visava perceber que capacidade terá o poder local para fazer frente às dificuldades que se vivem e às que se avizinham.

ISABEL FERNANDES

A Câmara de Gaia tem feito uma grande aposta na área da Cultura, agora em suspenso devido à situação que se vive. Adiar e cancelar são os verbos mais ouvidos e lidos nos últimos dias, e com especial insistência nesta área. Como é que está a autarquia a reprogramar?

A Câmara de Gaia, à data de hoje, relativamente às atividades culturais programadas, decidiu o encerramento dos equipamentos culturais e, consequentemente, dos eventos em curso à data, naturalmente seguindo as indicações das entidades de saúde competentes e tendo em atenção a salvaguarda dos seus funcionários e do público.

O cancelamento e adiamento dos eventos em que a organização e produção são em parceria com o Município estão naturalmente a ser decididos em articulação e acordo com os nossos parceiros e está paulatinamente a ser comunicado. A reprogramação e cancelamento dos eventos organizados pelo pelouro da cultura e da programação cultural serão decididos em função da evolução das indicações e normativas que venham a ser emanadas para cada tipo de espaço cultural, no caso de uma eventual possibilidade de abertura dos mesmos. Tentaremos manter a realização dos eventos programados, certos de que não será possível reagendar alguns que não se realizaram até à data, mas a situação que vivemos é excecional e, por isso, contamos com a compreensão de todos, retomando a normalidade e regularidade da nossa programação assim que as condições necessárias para tal estejam reunidas.

Que respostas pode dar ou tem previstas a Câmara para ajudar a minimizar as dificuldades numa área onde os apoios do Estado central são sempre reduzidos e não abrangem todos os profissionais?

A Câmara Municipal está atenta às medidas excecionais e temporárias de resposta à pandemia da doença COVID-19 no âmbito cultural e artístico emanadas pelo Governo, e acompanhará naturalmente as indicações. Uma forma "imediata" de ajudarmos é reagendar os eventos e privilegiar as entidades e profissionais sediados em Vila Nova de Gaia, com atividade anual regular, em futuras iniciativas.

As festas populares foram canceladas, mas o Festival Internacional da Máscara Ibérica foi reagendado para o fim de Maio (esteve previsto para o início desse mês). Acredita na possibilidade de se realizar?

Naturalmente que não será possível realizar na data prevista. Está a ser estudada a possibilidade de reagendamento e de reprogramação, e muito em breve será comunicado.

Nestes dias de confinamento multiplicam-se as ofertas culturais via internet. As pessoas entenderão o alcance destas medidas para que no futuro valorizem a Cultura como um bem essencial?

Eu quero crer que as pessoas já valorizam a cultura como um bem essencial, e hoje mais do que nunca. A leitura, a visualização de filmes, concertos e espetáculos de dança e teatro, entre outras iniciativas que estão disponíveis via emissão televisiva ou acessíveis através dos diferentes dispositivos com acesso à internet, têm sido fundamentais para ajudar todos os que estão retidos em casa neste tempo de confinamento a ultrapassar o necessário isolamento social. Vamos cada vez mais criar conteúdos culturais que serão disponibilizados via internet ou por outros meios e irão valorizar de uma forma especial os eventos presenciais. Estamos todos, os produtores e intervenientes culturais, num processo criativo, de análise e de estudo da situação atual, pensando em novas ofertas e como corresponder aos seus públicos.

Vila Nova de Gaia quer afirmar-se como "a cidade das Artes" através da Bienal Internacional de Arte (nas palavras do diretor do evento). Em que medida este evento poderá ser o motor dessa afirmação no futuro?

A Bienal Internacional de Arte, organizada pela Cooperativa Artistas de Gaia, foi, continua e creio que continuará a ser uma das mais importantes iniciativas responsáveis pela crescente concretização de Vila Nova de Gaia como "a cidade das Artes", não esquecendo naturalmente os nossos jovens e consagrados artistas, e as mais diversas entidades locais e o próprio Município, que têm ao longo do tempo realizado as mais variadas iniciativas em prol da concretização dessa afirmação. Contudo, um evento como a Bienal Internacional de Arte, pela sua dimensão, programação, expressão e interesse dos meios de comunicação e do público, que tem tido um crescimento exponencial, contribui fortemente para a concretização de Vila Nova de Gaia como uma cidade que aposta na Arte no seu sentido lato.

A aposta na Cultura do município anda muito a par da recuperação do património edificado. O exemplo mais recente é a intenção de construir o Fórum de Cidadania de Lever. Fale-nos desse nosso espaço. O que podemos esperar?

Depois da aprovação em reunião de Câmara e Assembleia Municipal da proposta e caderno de encargos para a construção do Fórum de Cidadania de Lever, segue-se o lançamento do concurso público para início de uma empreitada que contará com um investimento municipal na ordem dos 1,3 milhões de euros. O edifício existente será objeto de requalificação pois foi construído na década de 1990, embora a parte destinada ao auditório nunca tivesse sido construída, impossibilitando, assim, a sua utilização e dinamização.

Tendo o Município consciência da importância que os espaços culturais têm na sociedade e na construção das cidades, tem efetuado um investimento significativo na criação de uma rede de equipamentos ao longo de todo o concelho. O Fórum de Cidadania de

Lever é um dos muitos exemplos desses investimentos. Lever terá um espaço público condigno para albergar serviços de apoio aos habitantes e atividades de caráter cultural, como exposições, conferências e diferentes acontecimentos da mesma natureza. Numa freguesia repleta de associações ligadas à música e a outras artes, que têm de procurar salas fora da sua específica esfera geográfica para realizar as suas apresentações, vai, finalmente, nascer um espaço à altura de todas as necessidades.

Também revela vontade de descentralizar a cultura, retirando-a do centro e levando-a à periferia, de que a Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Gaia é o maior exemplo. É a melhor forma de democratização da Cultura?

É uma das formas de promover as atividades culturais, que sejam mais participadas e que possam chegar a todos os interessados. Estamos a fazer um esforço para que em todas as freguesias de Vila Nova de Gaia se realizem as mais diversas iniciativas embora, por vezes, limitados essencialmente aos equipamentos culturais e às condições necessárias para a realização das mesmas. Mas essa análise já foi efetuada e a Câmara Municipal tem programado um conjunto vasto de investimentos na reabilitação e construção de espaços culturais, onde a rede de auditórios se insere, e que tem sido comunicado frequentemente.

Mas a "democratização da cultura", significando chegar a todos, tem também outras formas, a reabertura e dinamização dos polos da Biblioteca Municipal, de que é recente exemplo a reabertura do polo localizado na freguesia de Avintes, ou o fazer chegar a nossa programação cultural a cada vez mais munícipes através da nossa newsletter semanal ou através de outros meios e formas de comunicação, entre outras iniciativas que vamos estudando e pondo em prática em função dos recursos disponíveis, são disso testemunho.

Em que medida o trabalho conjunto com outros municípios (Fitei, Festival DDD...) facilita a expansão da Cultura no concelho?

A parceria com outros Municípios e entidades valoriza a cultura do concelho e facilita a expansão cultural pois os eventos que acolhemos têm uma programação de reconhecida qualidade a nível nacional e internacional. Estamos a convidar a visitar e a atrair aos nossos equipamentos e espaços culturais os nossos munícipes e também novos públicos. Vila Nova de Gaia é um município culturalmente muito rico e dinâmico. Reconhecemos o trabalho de escritores, poetas, artistas plásticos, atores, bailarinos, dançarinos, investigadores e historiadores e muitos outros ilustres gaienses, reconhecemos o trabalho realizado pelas nossas associações culturais amadoras e pelas companhias profissionais, perfilhando também que muito ainda há a fazer para a sua dinamização, mas pensamos que as iniciativas que referiu, entre outras, contribuem para a amplificação e reconhecimento exterior da qualidade e potencial do nosso trabalho nas atividades culturais.

NOTA

A entrevista foi concedida por e-mail, pelo que foi respeitada a escrita (respostas) pelo novo Acordo Ortográfico.

FOTO: **Câmara Municipal de Gaia**

Ramiro Teixeira
crítico literário

Viagem ao Silêncio das Ervas Adormecidas

Dividido em três partes, este título é deveras interessante pela estrutura com que se constrói. Desde logo porque a primeira parte estabelece uma questão prévia, que é de se saber se estamos perante um exercício de poesia em prosa, ou uma forma de cantar o conto. A questão tem que se lhe diga, dado que o poema em prosa se caracteriza por uma estrutura semântica à margem da estrutura fónica que, em princípio, cabe ao poema. E por algo mais que não é de somenos: a liberdade de expressão que chega a acolher fragmentos narrativos na sua arquitectura, transmutados em expressões sensoriais e sentimentais.
A construção do poema em prosa é recurso moderno, eventualmente pela circunstância de a sua construção não se condicionar ou constringir à disciplina do verso, recriando a ilusão de uma liberdade que só o é na forma, pois que requer à mesma intenso labor textual.
E daqui resulta o axioma de que o verso não é condição indispensável da poesia, passando a acrescentar à designação desta o complemento *livre*, ainda que não de todo isento de liberdade política, tal como deixou de ser a obrigatoriedade de começar os versos com letra grande.
Tais liberdades estão já consagradas, libertas pois da lei das estrofes, da métrica, da rima e da forma, razão pela qual não falta já quem atribua a esta expressão prosódica, no âmbito da poesia, a condição exemplar de modernidade literária, caso, por exemplo, de Nuno Júdice, apesar de as suas características não se apresentarem perfeitamente definidas. Certo é, todavia, que não são poucos os poetas mais contemporâneos que dela fazem uso, encontrando no modelo prosador a forma mais adequada à sua expressão lírica, enquanto outros se mantêm fiéis à forma versificada, e outros ainda há que se exprimem nas duas formas.
A forma da escrita obriga a, quem a ela se dedica, escolher bem não só a selecção dos termos, mas também a dignificação da mensagem, o que implica a necessidade de um planeamento. A escrita de Luís Serrano, seja qual for a forma que utiliza, é um bom exemplo do que antecede.
No caso presente, que tem por motivo a primeira parte do livro "*Viagem ao silêncio das ervas adormecidas*", temos que a sua exposição é recorrente à infância, a qual, normalmente, é dada como perdida, entre a nostalgia, a saudade e a crença de que em tal período de tempo tudo era bom.
Não é bem o caso presente. Em rigor, atrevo-me a dizer que, pelo contrário, este revivalismo sobre a infância, apesar de tudo encantatório, é de natureza renascente, qual segunda encarnação, pois que é revivida com o mesmo assombro e esplendor de conhecimento da vivida originalmente, transformando o passado num eterno presente. Assim estes exemplos: "Recordando a cabra"; "Casamento na Aldeia"; e "Jogo da Malha ao Domingo:

Recordo a cabra na casa mais antiga da aldeia.
Terá caminhado sobre o tojo e a urze para que a
dona a ordenhasse com os dedos delicados
sobre os mamilos.

Então o neto recolhia o leite e regressava à
velha casa.

A avó estava à espera porque era longe e o sol
ardia.

Já da madrugada nem neblina restava, apenas
o ar quase tímido que na cabra amanhecia.
.....

Quando a madrinha casou, o neto teria cinco
anos. Acompanhou o cortejo nupcial até à
capela da aldeia.

Casmurro era-o, por vezes, quando se sentia ameaçado. Então, não tolerava atropelos ao que considerava o território inviolável da infância.

E tanto assim que o irmão da noiva não logrou fotografá-lo. Desaparecia fintando a máquina e o tio por entre as saias das senhoras.

Terá sido a primeira vitória num mundo cada vez mais hostil, a segunda guerra ainda não tinha terminado, e a verdade é que também não o tinham consultado, nem para a guerra nem para o casamento.
.....

Aos domingos, os homens jogavam a malha em frente à casa do avô. O neto, à janela, seguia calado aqueles torneios que acabavam ao pôr do sol.

O grupo que perdia pagava, ao fim de cada jogo, uma selha aos vencedores.

A meio da tarde, já as malhas não acertavam nos fitos e os palavrões choviam de um lado e do outro. Era a parte mais apetecida pelo neto que pôde assim refrescar o léxico, por esse tempo ainda diminuto e sóbrio.

A madrinha não gostava, a avó não ouvia e o velho avô fingia-se distraído.

O neto desse tempo é, hoje, homem de muita idade e também se ri para dentro, sempre que necessário.

A segunda parte desta obra possui como epigrafe *la musique avant toute chose*, verso de Verlaine, e não é menos interessante do que a primeira.
Na realidade, direi que Luís Serrano recriou através da escrita alguns dos trechos musicais que aparentemente lhe são caros. Ou seja, atribuiu literariamente a outra escrita transmitida por ondas sonoras. E se nuns casos a tradução aparece facilitada por um eventual livreto, noutros, onde tal não existe, é recriada pela sensibilidade e sentimento do tradutor. Assim, "Pedro e o Lobo", de Prokofiev e "A Morte e a Donzela", de Schubert:

Há sempre um lobo mau
à espreita de oportunidade

mas há também
rapaz destemido
avô sob a forma de fagote
gato que persegue
pássaro
e pato a fugir para o lago

o pássaro (flauta transversa)
distrai o lobo
que tinha comido o pato
e corria atrás do gato

então Pedro do alto
da árvore lança a corda
e prende o lobo

afinal o pato
(oboé tranquilo)
está vivo

e o mau da fita vai
para o jardim zoológico
ao som dos timbales
e dos gritos dos caçadores

de Pedro e o lobo sabemos
que ficaram amigos
para sempre

.....

É um dos últimos quartetos
do mestre vienense
foi ele que tornou famoso
o poema de Matthias Claudius

diz a donzela: sou ainda
muito jovem para que me leves
responde a morte:
não venho para te punir
apenas para que durmas
tranquila nos meus braços

violinos, viola e violoncelo
conversam entre si
a donzela espera talvez
que a morte se canse
e se vá embora

Schubert também ele
dialogou com a morte
e perdeu
sete anos depois

A terceira parte inicia-se com um breve conjunto de deambulações, a que, de alguma maneira, as partes anteriores também reflectem, pois que se debruça sobre a obra de personalidades diversas que merecem um lugar de destaque no panteon privado do Autor, nomeadamente sobre Brueghel, Cândido Portinari, Frida Kahlo, etc.
Num destes poemas um há, elegíaco, que se me afigura como remate existencial duma intensidade extraordinária, começo e fim da viagem ao silêncio das ervas falsamente adormecidas. A ver *A Culpa do Regresso*:

O rio não regressa nunca
a montante

sou eu não ele
quem procura a nascente
a fonte uterina
longe de todas as culpas
de todos os arrependimentos
sempre tardios

encontrar a fonte
estancar a sede
é agora o objectivo

há caminhos que volto
a percorrer
para que devolvidos me sejam
os passos perdidos

ouço pois o quarteto n.º 12
em fá maior de Dvorak
esperando que a solidão
se dilua

que a companhia
se abra na escrita
na rota sempre imprevisível
da linguagem

o mais será tão só
o esquecimento
o veneno que a memória
não apagará nunca

Decantador que se realiza na própria experiência da vida, nas impressões e emoções que nela colheu através dos sentidos, em mágoa e em alegria, Luís Serrano, não obstante, celebra-a sempre em exaltação, tal como a entende na obra de Frida Kaholo, em *Viva la Vida*.

(**Ficha**: ***Viagem ao silêncio das ervas adormecidas***.
Luís Serrano. Ed. Letras Paralelas, 2019)

António José Queiroz
historiador

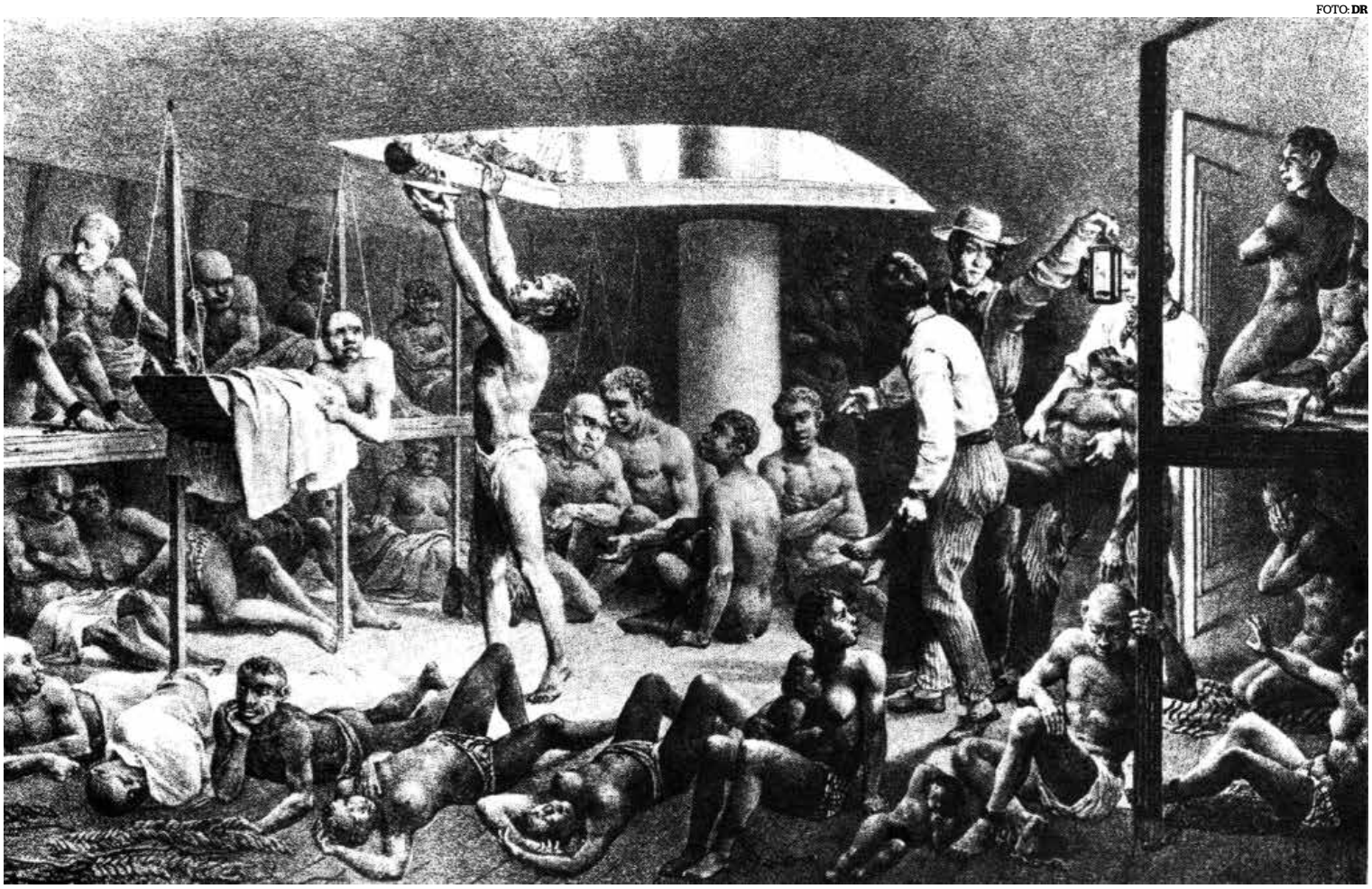
Meditação do Marquês de Chamilly

Estou velho e vou morrer. Mas os meus pensamentos não se afastam de ti.
Parti há muitos anos sem te dizer adeus. É tarde para confessar esse meu gesto
que crês cobarde e sem explicação mas que mil vezes voltaria a repetir.
Parti para impedir que a luz azulíssima dos teus olhos se apagasse
no breu mais profundo de uma masmorra do Santo Ofício.
Não me arrependo, pois, de ter trocado as searas floridas do amor
pelas sementeiras devassadas de mutilados campos de batalha.
Arrependo-me, sim, deste longo silêncio que te fez sofrer
e que em mim depressa se fez remorso, sudário dos meus dias amargurados.
Envelheci na embriaguez ruidosa dos salões, entre a nudez fria do mármore
e o lustro das sedas macias, brindando com o vinho adamado da hipocrisia.
Em nenhum desses lugares fui feliz. Nenhum me deu a alegria
do rumor leve dos teus passos, da melopeia do teu adorado nome
que continuo a ouvir no bater descompassado do meu coração.
Vivo de saudade, água salgada e doce da memória,
água sagrada de um rio perdido no tempo, que nunca chegou ao mar.
Saudade do galope lento do entardecer, que dia após dia
eu esperava inquieto para saltar os muros brancos do convento
e atravessar, em profano silêncio, os místicos claustros do crepúsculo.
As horas pareciam então suspensas no teu olhar primaveril.
E as nossas mãos febris, mãos nómadas, mãos mendigas de prazer,
desenhavam, na filigrana dos seus gestos, o minucioso mapa da paixão.
Mas um deus severo vigiava entre as ruínas azuladas da noite.
Quando te deixava, deitavas-te para o lado mais triste do luar
e eu descia, como um ladrão, os intermináveis degraus da madrugada.
Era Verão. De manhã recomeçava o desvairado suicídio dos girassóis
na infinita solidão das incandescentes planícies alentejanas.

Leonel Cosme
escritor

A verdade é só uma

FOTO: DR



Se é indiscutível que "*a História e o seu conhecimento não deixam de nos indicar caminhos que não queremos percorrer*", como escreveu há dias a historiadora Irene Flunser Pimentel, e, como disse o Padre António Vieira, "*nós somos o que fazemos*", já não é inquestionável a ideia, por vezes defendida, de responsabilizar o presente pelos actos do passado, como a de responsabilizar o filho pelos actos do pai, com o dever implícito de um pedido de desculpa se esses actos se traduziram em erros ou pecados. O que já era criticado pela antiga moral dos angolanos quimbundos: ***Kituxi kia makota, milonga ia jindenge*** (pelos pais pagam os filhos).

Falei de erros ou pecados de ontem como poderia falar de virtudes ou glórias. Na circunstância que agora me convoca, o que D. João II ou Diogo Cão fizeram, certo ou errado, no contexto da descoberta, em 1482-1486, do território mais tarde chamado Angola, foi lá com eles. O que nós, portugueses, fazemos hoje com o conhecimento que temos dela, é só connosco. E do que fizermos de errado não deverá esperar-se, nem seria justo, que os nossos filhos peçam desculpa. Até seria criminoso que para obter do filho o pedido de perdão pelas culpas do pai ele tivesse de reconstituir um passado criticável à luz da consciência de hoje – como se, parafraseando Aldhous Huxley, mergulhar em água suja fosse uma maneira de lavar alguém.

Não direi, taxativamente, como Le Corbusier, que é preciso romper com o passado para construir o futuro, pois o passado deverá servir para não se repetirem os erros cometidos e escolher os caminhos futuros. Mas se *errando corrigitur error* e, como já dizia o filósofo Santo Agostinho, "*o tempo é o espaço onde decorrem as coisas*", nós só devemos ser julgados, e quiçá punidos, pelo que fizermos no nosso tempo de vida.

Por interesse e curiosidade, li e guardei dois textos que o jornal **Público** inseriu em 11 de Outubro de 2017 e 6 de Março de 2020: o primeiro, relativo a um artigo intitulado ***Portugal pode pedir desculpas? Quantas vezes forem necessárias***, do sociólogo e professor universitário Elísio Macamo, nascido em Moçambique e doutorado em prestigiadas universidades da França e Inglaterra; o segundo, sobre uma entrevista do sociólogo camaronês Felwine Sarr, no decurso de uma conferência, em Lisboa, na CULTURGEST, subordinada ao título ***Há um dever para com a verdade quando se fala de colonização***.

São dois textos que convergem para uma narrativa que frequentemente é aproveitada pela comunicação social para atrair público e sempre aflora quando ocorre uma dissensão entre brancos e negros.

Referindo-se Elísio Macamo à inumanidade da escravatura e à violência da colonização, entendia que "*Portugal deve pedir desculpas a si próprio por ter violado os seus próprios valores"(...) Portugal e Europa podem pedir desculpas quantas vezes forem necessárias para não só renovarem o seu compromisso com os seus valores, mas também para dar bons argumentos aos não europeus que gostariam de olhar para esses valores sem cinismo*". E para não nos esquecermos de que a ciência e a ética ac-

tuais postergavam "valores" que vinham de longe, lembrou que "Kant defendeu a escravatura com recurso à ideia de que os negros não serviam para mais nada" e que "John Locke também defendeu a escravatura, mas na base do argumento segundo o qual os escravos teriam perdido o direito à liberdade por terem sido derrotados em 'guerras justas' (guerras para espalhar o cristianismo)."

Não foi lembrado, e teria valido a pena, um episódio muito importante da história da colonização portuguesa no Brasil, a meio do século XVIII: o Padre António Vieira, que defendia a dignidade do índio contra toda a espécie de violência, mas condescendia, *pro domo sua*, com a servidão do negro africano, embora com a promessa de recompensa celestial, foi confrontado, na mesma época e no mesmo território, pelo doutor em Cânones, formado na Universidade de Coimbra, Manuel Ribeiro da Rocha, que num opúsculo, editado em 1758, "*Etiópia resgatada, empenhada, sustentada, instruída e libertada*", verberava o tráfico de escravos como uma "ofensa moral à justiça elementar e à caridade cristã".

Todavia, esta dissensão epistemológica não deu lugar a pregadores evangélicos reformistas como Daniel Malan, que foi primeiro-ministro na África do Sul e pai espiritual do "apartheid". Mas serviu a tese para inspirar a outros oradores realistas, como Nkrumah, Nierere e Neto, os movimentos de libertação nacional necessários para a implantação de um "socialismo africano" (*Ujamaa* (na língua suaíli)), no qual, em matéria de direitos humanos, já não seriam discriminados pelos africanos negros bantus os não-bantus (koisan).

Neste quadro, Agostinho Neto fora lapidar: *o racismo não tem cor*. O seu conhecimento da história da África colonial e pré-colonial (e do mundo) dizia-lhe o suficiente para aferir como, em matéria de raças, etnias, classes e culturas, em todos os lugares e em todos os tempos, a diferença entre o Eu e o Outro motivara as discriminações e guerras entre pessoas e povos. Em África, de Norte a Sul, bastaria lembrar o que, entre os próprios nativos, a título de expansão e conquista, ocorreu ontem e hoje; em Angola, o melhor exemplo está em que só o povo não-bantu logrou permanecer nas terras desérticas (e não invejadas) onde nasceu. Mesmo assim, resistindo às pressões expansionistas dos seus vizinhos bantus, que os consideravam *não-gente*.

Só que, como lembra o provérbio quimbundo: ***O dibute u-di-iva kunua kua mukuenu*** (*só nos outros sentes o cheiro da chaga*)...

Diga-se agora que a inumanidade não emerge nas duas viagens que Diogo Cão fez ao território que mais tarde seria chamado Angola, primeiro à foz do rio Zaire, depois à capital do Congo. Na verdade, dos contactos dos representes de Portugal com a corte do Manicongo resultou um exemplar relacionamento, presente e futuro, porque não visava a obtenção de escravos, oiro e prata – que pautava as "descobertas" atlânticas – pois o objectivo desta navegação era encontrar o caminho marítimo para a Índia, através da Baixa Etiópia, e o fabuloso reino de Preste João, um soberano africano cristão reconhecido no Vaticano.

Destas duas viagens não constou, que eu saiba, a posse, por roubo ou oferta, de quaisquer peças significativas da arte africana, que hoje merecessem ser reclamadas por pertencerem ao património cultural dos países de origem – como opina Felwine Sarr. A sua devolução seria como que um pedido de desculpa e "uma forma da Europa reconhecer que a colonização foi desumana e injusta". E assevera: "*O que muitos desconhecem é que foi, também, um crime cultural. Enquanto exploravam todos os recursos naturais, todas as riquezas, os colonizadores organizaram, também, a exportação de bens culturais. É por isso que há muitos jovens africanos a quem falta uma parte do seu património cultural, numa parte da sua história, uma parte da sua criatividade, em suma*".

Do que vi, aprendi e adquiri durante as décadas que vivi em Angola, conservo em casa livros e peças artísticas ou artesanais lá compradas, nos mercadinhos das cidades e musseques, ou oferecidas: pinturas a óleo ou aguarela, esculturas em madeira, marfim ou barro, algumas originais, outras reproduzindo figuras icónicas. Todavia, por vulgares, nenhuma merecendo figurar num museu. E daquelas outras que ainda merecem estudo, pintadas em cavernas ou gravadas em rochas, guardo as fotos e informações legadas por exploradores cientistas como os professores universitários e investigadores J. R. Santos Júnior, G. Soares de Carvalho, Desmond Clark, Carlos Ervedosa e José Redinha.

Não me lembro de os grandes líderes africanos (e foram quase todos) que estudaram nas universidades dos países colonizadores, e certamente visitaram os seus museus, terem declarado que as peças ali vistas estariam melhor nos museus africanos. Não imagino o que teria pensado o saudoso escritor, pintor e etnólogo Henrique Abranches, quando, no exílio em Paris, trabalhou no Museu do Homem, e no regresso a Angola independente, foi director dos museus nacionais e fundador do Museu da Escravatura. O que eu pude constatar é que este Museu, organizado justamente num antigo prédio, nos arredores de Luanda, que foi marco do tráfico de escravos, estava suficientemente apetrechado para o visitante perceber o que fora a escravidão. E não era menos elucidativo do que o museu da escravatura que eu visitei, numa ida ao Brasil, na capital de Pernambuco, a grande receptora dos escravos angolanos fornecidos pelos maiores traficantes de Angola. Nomeadamente a famigerada Dona Ana Joaquina (dos Santos Silva), rica mulata de Luanda, cujo palácio (ainda hoje emblemático) era centro de convivência entre os nativos ricos e os funcionários superiores da administração portuguesa.

Entre as peças mais representativas da cultura angolana que Henrique Abranches viu em Paris (como certamente todos os angolanos cultos que por lá passaram), ignoro se lá estava a que seria porventura a mais simbólica: uma pequena escultura em madeira que o investigador suíço Théodor Delachaux, numa viagem a Angola, em 1932, encontrou num "cesto de adivinhação" e que lhe fez lembrar a figura do **Pensador** criada por Auguste Rodin. Se esta figura de um velho pensativo, sentado com os cotovelos sobre os joelhos, não fosse a que viu aquele investigador, ou outra igual ou parecida que José Redinha identificou como uma representação da cultura tchokue, alguns anos depois, no Dundo, quando era curador do museu ali criado pela Companhia dos Diamantes de Angola, a que estava em Paris seria mais uma das reproduzidas aos milhares que se podem comprar nos mercadinhos de Luanda.

Por último, no **Público** de 13 de Março, leio numa entrevista feita por Isabel Salema ao artista fotógrafo-multimédia Kiluanji Kia Henda, nascido em Angola, que ele pretende construir no Campo das Cebolas, em Lisboa, um memorial de homenagem às vítimas da escravatura, criando um espaço propício a diversas acções culturais. (Registe-se que nos últimos tempos foi noticiada a criação em Luanda de centros de formação e convívio, tipo "jango", para debater questões nacionais). E justifica-se: "*Há pessoas que se dizem um pouco defraudadas porque bastou a Portugal fazer um memorial para resolver a sua dívida com a escravatura. Acho que essa é uma leitura errónea: não há memorial possível que possa representar tamanha monstruosidade. O que vou fazer é uma singela homenagem que nos evita cair numa amnésia colectiva*".

Enfim, voltando à epígrafe – "a verdade é só uma" – e não logrando esquivar-me de um pensamento de Montaigne – "*a verdade é uma vasilha com duas alças, pode ser empunhada pela direita ou pela esquerda*" – nem distanciar-me de um ditado do povo quimbundo – "*o que a vida ensina não se aprende na escola*" – só posso concluir, contrapondo a um pensamento de John Steinbeck: "*A verdade dos historiadores só é verdade até que alguém passe e faça um novo arranjo do mundo no seu próprio estilo*", outro de Cervantes: "*A História é émula do tempo, repositório dos factos, testemunha do passado, exemplo do presente e advertência do futuro*". E para terminar mesmo, agora com uma ponta de azedo humor: *cada cabeça, sua sentença*.

Maria Gabriela Oliveira
investigadora; historiadora

Atmosferas do Porto

Vendedeiras de violetas

As almas dos poetas
Não as entende ninguém
São como as violetas
Que são poetas também...
FLORBELA ESPANCA, *Trocando Olhares*

FOTO: DR

Quando... quando a baixa do Porto cheirava a violetas...
Violetas dum roxo profundo, da cor da Paixão do Senhor, chegadas dos campos sabe-se lá donde, apanhadas no fim do Inverno, atadas em pequenos ramos por mãos de mulheres simples como a própria flor que se esconde nos prados, humilde e recatada.
Muito longe das raparigas airosas, das «violeteras» de Madrid, dos seus pregões e cantigas, as vendedeiras de violetas da nossa cidade, entre os anos 40 a 70, eram pessoas de idade, ou a parecer de idade, quase sempre com um xaile de lã pelas costas, apagadas e quase escondidas nos seus lugares de venda. Estendiam aos passantes os seus raminhos modestos sem gritaria, a dizer: «Levem um raminho de violetas...», «são só quinze tostões...»... mais tarde, «cinco coroas...».
Havia-as à porta do mercado do Bolhão, ali ao canto da Igreja dos Congregados, encostadas ao painel lateral de azulejos da Igreja da Ordem do Carmo... Quase diariamente, na Praça Carlos Alberto, entre o ingresso para o Hospital do Carmo e a Farmácia Lemos, encontrava-se uma destas vendedeiras: criatura forte, as duas pernas amputadas até ao joelho, sempre rodeada de crianças. Aos pés, o cesto com as violetas ao qual, muitas vezes, juntava raminhos de «pão e queijo», outra planta campestre de flores em vários tons que, juntos, lembravam essa combinação gastronómica. A sua deficiência, os pequenos que a acompanhavam e, talvez, a certeza da sua presença naquele lugar angariaram-lhe uma clientela fixa. Senhoras das compras nas lojas da zona, mas, também, cavalheiros, comerciantes e empregados de balcão que se acostumaram ao seu jeito de oferecer a perfumada mercadoria.
E, comprar um raminho de violetas tornou-se um uso em muitos lares portuenses. Ofereciam-se às esposas, às avós, às mães; este, o grupo que mais apreciava a gentil dádiva.
Alguns maridos, por um nada, na delicadeza dum gesto, traziam a casa o perfume dum sentimento, às vezes, adormecido.
Mães, jovens e menos jovens, quantas acolheram a ternura dum ramo de violetas...
Dias houve em que o meu filho, de braço estendido e um aparente seco, «tome», me entregava as violetas que tinha comprado à senhora dos Congregados a quem dava sempre o dobro da quantia pedida mais um sorriso e uma frase amiga!
As violetas, de seguida, iam repousar num copo de água – jarra era demais – diante do retrato dum ente querido distante ou já defunto, ou, então, na mesinha da sala, lembrando que se fora lembrada.
Diz-se que Napoleão Bonaparte, antes de partir para o seu exílio em Santa Helena, depositou violetas no túmulo de Josefina que as preferia a todas as outras flores. Muitos destes raminhos de violetas acabavam, também, diante duma lápide do Prado do Repouso, de Agramonte, da Lapa, do Bonfim...
Vendedeiras de violetas... Mulheres que tentavam juntar magras somas que iriam trazer, sabe-se lá, também o quê – a sêmea do almoço? O desejado meio quilo de açúcar? O quartilho de azeite?
Em 1962, segundo uma fatura da Mercearia Ceylão da praça Carlos Alberto, 20-22, um pacote de cevada custava 2$50 – as tais cinco coroas –, um litro de bom azeite, 15$80, e um quilo de açúcar branco, 6$80. Quantas manhãs frias, quantas horas esperariam elas para valer a pena vender o cesto de raminhos violáceos?
Vendedeiras de violetas... Mulheres que carregavam anos de trabalho, de privações, que vinham sabe-se lá de que campos, de que terras, perfumar de violetas praças da cidade, casas e corações.
Hoje, com as tripeiras varandas cobertas de pujantes vasos de orquídeas, poucos se lembrarão que as violetas desapareceram, poucos recordarão aquelas vozes: «Leve um raminho de violetas... cinco coroas...».

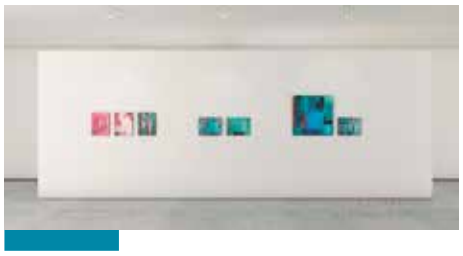
«A Ronda das Mafarricas - Mulher da Lama»

«As mulheres e o Zeca»

A Casa da Cultura de Setúbal – sede da Associação José Afonso – tem patente a exposição virtual «As mulheres e o Zeca», http://www.casadacultura-setubal.pt/exposicao/as-mulheres-e-o-zeca/. São sete fotografias em que Virginie Duhamel – AKA Virgínia d'Aldeia, performer, fotógrafa e videoartista, que se debruça sobre temas como o preconceito e a discriminação, a crise ecológica, nomeadamente os efeitos das dragagens no rio Sado, o capitalismo no que este revela de mais nefasto, a exploração da natureza e as novas escravaturas – expõe, enquanto modelo e fotógrafa, as suas interpretações de seis figuras femininas cantadas por José Afonso e mais uma, a canção que Zeca teria escrito se vivesse nos dias de hoje, inscritas no imaginário de todos os que conhecem bem Portugal e a sua história na segunda metade do século XX.

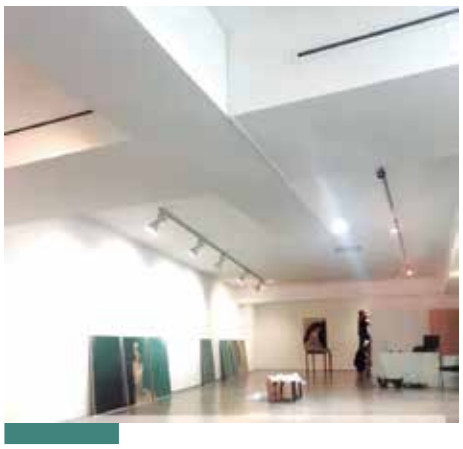
«Cheias de 67»

A exposição «Cheias de 67», que esteve patente no Celeiro da Patriarcal em Vila Franca de Xira, está agora disponível para visitas virtuais, em http://exposicoes.cm-vfxira.pt/. Esta visita virtual permite um contacto integral com os conteúdos da mostra dedicada às Cheias de 1967, que tem curadoria de Joaquim Letria, um dos jornalistas que à época esteve presente nos locais da catástrofe. Através do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, a exposição resulta de um trabalho cuidado de investigação documental e de recolha de testemunhos de muitos residentes locais que partilham as suas histórias e dos seus familiares, no contexto daquele que foi o pior desastre natural em Portugal, depois do terramoto de 1755.



«Pathways»

Hous3 - Gabinete de Arquitectura, em Guimarães, acolhe, até 1 de Maio, a exposição individual de Angélica Costa Ramos «Pathways». A mostra, que se insere no projecto José Rosinhas Art Gallery Wall, está disponível apenas em formato digital em: https://bit.ly/2V13N3Q.



@MariaBeatitude

Num tempo de recolhimento, num tempo em que o tempo dura e rende mais, Maria Beatitude continua a oferecer visitas virtuais a algumas das suas exposições. Cada um em sua casa, mas todos juntos na galeria virtual @MariaBeatitude, na rede social instagram.

«A Idade de Ouro do Mobiliário Francês»

Apesar de a sala de exposições da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) se encontrar encerrada, continua a ser possível visitar a exposição «A Idade de Ouro do Mobiliário Francês». A mostra dedicada ao mobiliário francês do século XVIII, realizada em parceria com a Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, está disponível numa visita virtual.

«24/25 Abril nos Cortes»

DIÁRIO POPULAR
ATÉ ÀS 9 HORAS NÃO HAVIA QUALQUER INFORMAÇÃO OFICIAL SOBRE O MOVIMENTO MILITAR

Diário Popular, 25 de Abril de 1974

O Museu Nacional da Imprensa (MNI), tem patente online a exposição «24/25 Abril nos Cortes». Organizada com o apoio da Associação 25 de Abril e da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros, a mostra evoca a "Revolução dos Cravos" de 1974 pelo lado dos mecanismos censórios que vigoraram em Portugal durante 48 anos (desde 1926) e que foram liquidados pelo Movimento das Forças Armadas. "São apresentados cerca de 40 exemplos de como o lápis azul foi transversal à rádio e televisão, aos livros, ao associativismo, ao cinema e teatro e à própria imprensa escrita. A Censura estendeu-se até ao último dia da Ditadura de Salazar e Marcelo Caetano e as notícias sobre a própria revolta do 25 de Abril de 1974 foram alvo de cortes". A exposição virtual "apresenta também alguns dos cartazes icónicos surgidos logo após a queda do Estado Novo, bem como textos alusivos à libertação e à esperança trazidas pelos 'capitães de abril' e pode ser visitada em www.museudaimprensa.pt até 30 de Setembro.

Helena Mendes Pereira
curadora

As Águas Livres

Falava do encontro consigo, com a face no espelho.
(...)
Por que haveria de ser tão impossível, e aparentemente tão desprezível, ser um pouco feliz? Por que razão o eros se cobria de luto, em lugar de cantar?

O que é a autorrepresentação? E o que é a autorrepresentação nas artes plásticas e visuais? Celeste Ferreira (n.1953) tem no seu rosto, na sua expressão e expansão emocional e teórica o quórum temático da sua pintura. É fazer do suporte espelho da alma e do pensamento e usar a matéria para transformar esse encontro consigo mesma em composição. Pareceu-me como uma fatalidade, desde o primeiro dia, que essa autorrepresentação fosse sempre mais próxima da velhice do que da juventude, do cansaço do que da alegria, numa menção filosófica a um existencialismo que condena a inquietação interior a uma infelicidade latente. No ano em que a premiada escritora Teolinda Gersão (n.1940) assinala 80 anos de vida, dedica-se-lhe obra de arte, em associação a um dos seus livros. Celeste Ferreira escolheu "As águas livres", de 2013, um corrupio de páginas que se engolem e que reúnem a mente a ferver que, em tempos de pandemia, não conseguimos evitar, não conseguimos parar, sossegar. Há, portanto, a coincidência entre as autoras de um olhar para dentro que se expõe na criação artística e/ou literária.

Mas não será toda a criação, autorrepresentação, exposição do eu? Não será sempre sobre nós mesmos o que criamos? Talvez. Celeste Ferreira apropria-se do título, considerando a identificação com a obra de Teolinda Gersão e avança para o campo expandido da pintura, numa busca da quase instalação, associando a uma das suas telas um dos seus livros de artista. Complemento perfeito pois que um livro de artista é uma forma de autobiografia plástica feita à mesa, como é a sua pintura. O que há em comum que as torna unas e passíveis de uma só? Tudo. A paleta, o traço, a dinâmica da composição, o rigor dos detalhes que se combinam com a expressão livre e autêntica de quem tem a mão habituada ao desenho e à pintura, a temperatura e, claro, o olhar para dentro.

Ao longo de um percurso de 45 anos de carreira (considerando que expôs pela primeira vez em 1975 na Galeria do Jornal de Notícias, no Porto), Celeste Ferreira construiu uma certeza do saber fazer e um corpo de trabalho coerente e seguro que lhe permite hoje esvair-se, com confiança, da segurança do bidimensional em busca das novas práticas e das vanguardas do seu tempo que é também este. Com centenas de exposições, individuais e coletivas, realizadas e com obras em algumas importantes coleções públicas e privadas, Celeste Ferreira parte do mar de Esposende para pensar o mundo e, sobretudo, da linha do horizonte para se pensar e sentir a si própria diante do tal espelho da intempérie e da calma dos dias, a que nos obrigam. Curiosa a paleta, fechada e nostálgica, contrastante com um gesto enérgico e com texturas, por vezes, adensadas com a *assemblage* e com a coragem da experimentação. Os livros de artista, pelos quais me apaixonei, são também essa coragem e essa energia. Mais: agrada a atenção ao detalhe e o apreço pela manualidade, como recusa pelo exclusivamente digital que, por vezes, é da Arte como é da vida.

Por fim, a plasticidade de Celeste Ferreira encontra a voluptuosidade da escrita de Teolinda Gersão que a incentiva a ser espaço tridimensional, mais do que convite à contemplação pura e monótona da pintura em que se autorrepresenta. Filosoficamente, este é um retrato complexo da mesma mulher, que se reviu na escritora mas que é, sempre, a sua plasticidade e a sua escrita a pincel e à mão. Num tempo de isolamento, o olhar para dentro é obrigatório. Por isso aqui estamos. Não é livre quem não se conhece e não se conhece quem não se mira no tal espelho meditativo dos dias. Uma vez livre, não mais água de aqueduto, mas corrente que vem da montanha e chega ao mar, como em Esposende.

(Não são estas águas que eu quero, as que o Aqueduto aprisiona. São águas sem margens, limites ou barreiras, sempre nascendo, em movimento, águas sem reflexos, cegas, intactas, tal como chegam pela primeira vez à superfície, deixando-se tocar mas não prender, correndo à procura de si mesmas, fazendo o seu caminho, ao encontro da luz.)

Celeste Malpique
psicanalista da SPP;
psiquiatra; prof. jubilada da UP

A Arte veio para a rua

A propósito da "linha do mar" em Leça

Estimulada pela crónica de Gonçalves Guimarães neste jornal (n.º 261) que sem o declarar abertamente julgo que se referia à controvérsia sobre a escultura de Pedro Cabrita Reis que foi instalada no passeio da Boa Nova em Leça e sofreu atos de vandalismo lamentáveis. Porque sou habitual transeunte daquele belo passeio à beira-mar e porque me interesso por Arte, venho participar no debate, e atrevo-me mesmo a deixar uma sugestão. O artista, que aprecio e respeito, que me desculpe! Sabe, Cabrita Reis aquele local é icónico! não é apenas a beleza do Mar, são os artistas que deixaram ali a sua memória: a começar pelo poeta António Nobre que ali escreveu muitos dos seus versos, pelo escultor Barata Feyo que ali deixou o grupo escultórico alusivo, pelo grande arquiteto Siza Vieira que, sem ferir a linha do mar, deixa a bela Casa de Chá da Boa Nova, pelo imponente Farol de Leça, e a popular capelinha de Nossa Senhora que pela singeleza quase passa despercebida, é um local carregado de significante nacional e local... Não o podemos ignorar, nem o artista nem o público.

Desde que a Arte saiu dos Museus e veio para a rua (graffitis, instalações, esculturas, cartazes, etc) tornou-se mais democrática, mais comunitária e nem o artista nem os espetadores podem ignorar esta dimensão que a Arte Contemporânea assume com arrojo. A arte deixou de ser apanágio de uma elite e passou a usar uma linguagem que retrata, interpreta, critica e chega a provocar a opinião pública. Pode ter impacto estético e é desejável que o artista o consiga, mas nem sempre o atinge. Não basta que o artista afirme de forma arrogante e solipsista que aquilo que criou e expõe é Arte. Só o seu impacto estético e significante, ao longo do tempo e para além da moda e da época, lhe atribuirá essa qualidade artística...

O público reage; ou adere de forma imediata com um GOSTO ou NÃO GOSTO, ou pode compreender ou não o significante e rejeitá-la, sentir-se provocado a ponto de não resistir ao impulso e ser levado ao ato de vandalismo. Alto e bom som interroga-se: mas isto é Arte? Pelas horas da noite e, às escondidas, pode danificá-la ou pode sujá-la com palavras ofensivas. Estabelece-se um diálogo com a comunidade. Mandar limpar, reparar, nem sempre adianta.

Salvo o devido respeito pelo artista, acho que

esta instalação de Pedro Cabrita Reis não tomou em consideração essa dimensão comunicativa da Arte Contemporânea, quando veio para a rua.

Aprecio a obra de Cabrita e ainda agora tive oportunidade de visitar em Serralves os painéis da "A ROVING GAZE" (Um Olhar Inquieto) e alguns sensibilizaram-me vivamente, talvez porque na minha prática de escuta psicanalítica esteja habituada à linguagem metafórica, à irracionalidade do Inconsciente, à comunicação intersubjetiva. Cabrita é um artista que, nas construções metafóricas que cria, joga de forma paradoxal com objetos concretos que vai buscar à realidade atribuindo-lhes um significante demasiado intimista e subjetivo, daí resultando algo incompreensível ou até chocante para o espetador. Poderíamos dizer que é um "olhar inquieto" mais voltado para dentro do que para a realidade. Tão pessoal e íntimo que ele próprio diz que o seu trabalho é um espaço de silêncio e serenidade e nele procura "a inevitável questão da beleza como forma absoluta de inteligência" (2003). Se bem compreendi o que transmite em diversas entrevistas, não é a Natureza que o estimula mas a necessidade imperiosa de sobre ela se questionar e agir elaborando a sua própria construção. Neste processo criativo é muito exigente na Forma e torna-se minimalista. O nível de subjetividade distancia-o e nem sempre consegue impressionar o espetador, ou seja, ter impacto estético.

A sua LINHA DO MAR, assim construída "serenamente frente ao mar", é uma forma muito pessoal de olhar o mar, a sua, porque como diz "o Mar absolutamente plano, absolutamente vasto, é o único espaço que se pode contrapor à dimensão humana".

Tão fusionado com a vastidão do mar, é possuído do "sentimento oceânico" (Thalassa de Ferenczy), sentimento primordial que só uma forma minimalista pode expressar.

O espetador comum, o veraneante que passeia à beira-mar na Boa Nova, em Leça, aprecia a paisagem que ali é particularmente bela, pelo embate das ondas nos rochedos, pela recortada orla de espuma branca, pelas nuances de cor e luminosidade sobre o oceano cuja vastidão se perde na linha do horizonte. Foi esta LINHA DO MAR que Cabrita também viu, e olhou à sua maneira, criando esta escultura. Muito bem, respeitamos!

Apenas uma sugestão para a tornar melhor inserida na Boa Nova em Leça, já que este é um local icónico que evoca não apenas o MAR, mas os artistas que ali se inspiraram, o poeta António Nobre, o arquiteto Álvaro Siza que ali construiu a Casa de Chá, o escultor Barata Feyo que ali deixou estátuas; porque não juntar a estes nomes, o nosso grande poeta Fernando Pessoa, inscrevendo alguns versos do MAR PORTUGUÊS na LINHA DO MAR?

Por exemplo: HÁ MAR E MAR, HÁ IR E VOLTAR.

Ó MAR SALGADO, QUANTO DO TEU SAL SÃO LÁGRIMAS DE PORTUGAL?

DEUS AO MAR O PERIGO E ABISMO DEU, MAS FOI NELE QUE ESPELHOU O CÉU.

Talvez se quebrasse um pouco a alvura minimalista de Pedro Cabrita Reis e a tornasse mais integrada, mais comunicativa, na BOA NOVA de LEÇA!

Claro que fica ao critério do artista e da autarquia de Matosinhos. É apenas uma sugestão.

NOTA

Referência bibliográfica: CABRITA, "A ROVING GAZE" (Serralves), Miguel von Hafe Pérez

Rodrigo Magalhães
mestre em História da Arte

Auerbach e a figuração plástica moderna

A *praxis* das artes plásticas tentou desde a sua génese o aprisionamento e a delimitação forçada da natureza por meio da projecção humana, seja racional ou empírica, ou também da natureza como paisagem, objecto, utensílio ou mesmo substância etérea do pensamento. No entanto, ao longo de vários séculos de infância e posterior desenvolvimento artístico, integrado numa primeira fase na sacralização temática do seu espaço e a decorrente emancipação, evolutiva ou não, da secularização cultural e social, não se pode constatar que a tradição figurativa tenha de alguma forma conquistado e vencido a sensibilidade da natureza visível ou experienciável. O *telos* da arte não é, nem nunca passou pela obtenção concreta e imersiva da ambiência natural, bem como da obtenção de objectividade da experiência directa.

O que as manifestações artísticas espelham e retratam é um reconhecimento da exterioridade natural em relação ao artista. É essa fase transitória de apreensão do objecto sem nunca integrar o seu conteúdo de forma totalizante no seu espírito. Na pintura, a paisagem, objecto, retrato espelha-se no criador de formas, como cognição perceptual, a partir da observação mimética da desconjunção do objecto em questão. O pintor apreende o seu significado, e objectiva-o mentalmente, subjectivando-o na sua concepção, tradu-lo, torna-o alógico, retira-lhe as suas impressões derradeiras na construção artificial das formas construídas. A sua visão só se clarifica e torna real quando encarcerada na idealização final da obra. A paisagem só se torna paisagem quando retratada na tela, ultrapassando a rígida ligação fidedigna ao real, pela projecção abstractizante do desejo momentâneo do acto da criação artística.

O campo semântico da arte na era moderna e contemporânea alarga as sua redes de significação, bem como estende as suas manifestações processuais a âmbitos recônditos da intelecção de formas. A figuração na era do *ready-made* encara a sua obsolescência crescente, e metamorfoseia-se em resquícios crepusculares que pontuam indelevelmente a construção artística. O desvendamento e a interpretação activa entram na comunicação

«Head of E.O.W. II», 1961. Frank Auerbach. Óleo s/ madeira, Colecção privada

directa das forças contemplativas da obra, como o *imago* da descentralização e descaracterização da paisagem concreta, pelas forças centrífugas da interpretação do observador em relação ao objecto observado.

Dentro do *zeitgeist* cultural, há quem o contrarie e reinvente a sua própria concepção da intencionalidade artística, dentro dos moldes figurativos. O século XX conserva ainda a produção quase artesanal do *fazer-da-obra*, da *ideia-tornada-arte*. Frank Auerbach representa, na história de arte, essa convenção quase arcaica da ritualização pictórica como prática mágico-religiosa, da imitação intentada do retrato, ou do auto-retrato, de produção e realização de formas quase como *amor fati nietzscheano* em relação à angústia caracterizadora do século passado. A figuração, aqui, utilizada não como ornamentação do espaço, mas como "falha" suspensa por entre o grande vazio, como micropercepção humana na grande saturação matérica. A representação da interpretação da realidade é restringida por uma realização artística extra-estética, como possível demonstração do *weltanschauung* universal.

O retrato em Auerbach implica, numa intrincada cadeia de relações perceptivas, a necessidade da idealização do rosto como real, veiculado pela fantasia da apreensão, da construção de um outro mimetizado no original, do duplo, do véu imaginado da imortalidade, da crença na morte-renascimento, perante a atemorizadora ideia da morte-extinção. A duplicidade revela aqui o mito arcaico da representação do homem, não como mera cópia ou espelho fiel, mas como espectro experiencial onírico, artístico, um retrato do seu "corpo astral". A obsessão pela captura da imagem esboroada, corrompida, traumatizada e a gestualidade agressiva da matéria acumulada em sucessivas camadas revelam essa intensidade de execução, da necessidade de modificar os traços plásticos pela corrosão da identidade física num desenrolar extático e lírico da dissolução metafísica pessoal, ressalvando o gesto desenfreado e libertino que explora a espacialização de forma grotesca do suporte. Esta libertação centrífuga das forças racionais e interpretativas cria e reinventa o universo plástico de Auerbach.

Esta noção de duplicidade arcaica, ancestral ao homem contemporâneo ultracivilizado, coloca a ideia de finitude num plano incorruptível de transformação e transcendência, numa aproximação cósmica, ainda sem a noção ontológica de *anima*. Para Edgar Morin "*a alma desenvolve-se no momento em que o duplo se atrofia; precisa-se enquanto o duplo se torna nebuloso*."[1] Auerbach utiliza o duplo no retrato como realização da imortalidade plástica sobre a carnal, objectivando a morte pela sobrevivência e metamorfose numa alteridade e não lhe reconhecesse, num sentido lógico, o aparelho psíquico egóico. Como afirma Rimbaud, "*je est un autre*". A figuração anti-aparência, aqui identifica dois estádios conceptuais de compreensão, sem nunca se incorporarem numa expressão una de identidade humana. Ver e o ser visto; o *eu*, entidade física, e o *eu* como máquina psicológica de complexidade. Esta dualidade forja a sua prática artística, que afirma o modernismo da sua figuração, pelo arcaísmo arquetípico da sua conceptualização mental.

[1] MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Publicações Europa-América, Lisboa. 1988, p.171.

J. A. Gonçalves Guimarães
mesário-mor da Confraria Queirosiana

Eça & Outras

Os *Comentários* de A. Campos Matos

Enquanto esperamos pelas suas ***Fotobiografia de António Sérgio*** e ***Bibliografia de António Sérgio***, que estão no prelo, A. Campos Matos vai-nos enchendo a mesa de leitura com alguns volumes de preciosidades adquiridas no seu longo e frutuoso trajeto de vida que tem recusado o cansaço de uma longa e jubilosa estrada da vida, seguindo a lição de Goethe: «Transforma a tua dor num poema». Desta feita um livro de ***Comentários***, publicado por Edições Colibri, título inspirado nos *Comentarii de Bello Gallico* de Júlio César, neste caso um livro de crónicas, diz o autor que despretensiosas, mas que, como tudo que lhe vem da mente, da sensibilidade e da escrita aspiram sempre à correção dos humanos aleijões, mormente os do campo da Cultura, onde era suposto a civilização cesariana se encontrar com o melhor da espontaneidade e respeito pela espécie por parte dos indígenas de todas as tribos de todas as latitudes. Mas adiante.

Nestas crónicas, como não podia deixar de ser vindo deste autor, encontramos referências múltiplas a aspetos vários da vida e obra de António Sérgio e da sua incontornável importância na História do Pensamento em Portugal e, naturalmente, sobre Eça de Queirós onde, para além da referência a mais uma carta inédita de Eça no conjunto das 913 que já publicou, não será de menor importância o desfazer do mito (mais um!) do nascimento do escritor na casa da Praça do Almada na Póvoa de Varzim que ostenta placa alusiva à efeméride, facto recordado na carta, até então sem resposta, sobre o para quando da abertura ao público do Centro de Estudos Queirosianos onde será disponibilizado aos interessados o espólio que A. Campos Matos reuniu desde os catorze anos e que continua a enriquecer com novos contributos de valia.

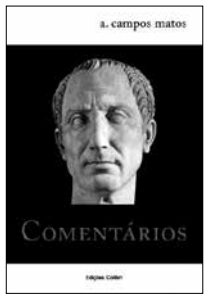
Noutras crónicas, na salutar, mas talvez vã, tentativa de que não se continuem a erguer estátuas com pés de barro, o autor apela à revisitação crítica da obra de Saramago, Agustina e Eduardo Lourenço, mas também de Luiz Pacheco, Alçada Baptista, Agualusa, Miguel Sousa Tavares, José Rodrigues dos Santos, Filomena Mónica, Eduardo Prado Coelho, Manuel Alegre e Costa Pinto, alguns dos quais deram origem a estranhos clubes de devotos, muitos dos quais os leram apressadamente, outros já "naquele engano da alma ledo e cego. Que a fortuna não deixa(rá) durar muito". Não se trata de demolir estátuas já existentes, mas procurar que elas, e as que por aí se programam, apenas estejam adequadas às sensatas dimensões dos "cultos". Que "atrás de tempo, tempo vem". Entretanto outros textos falam dos seus diálogos e encontros com Carlos Reis, Eugénio Lisboa, Vasco Graça Moura e Wilson Martins. E ainda recordações de viagens na juventude à Bretanha e a Paris e seus *environs*, que muitas vezes depois percorreu à procura das sombras dos dias em que Eça aí viveu e morreu. A indelével memória da visita ao impressionante Monumento das Crianças de Lídice, Checoslováquia, massacradas pelos nazis.

FOTO: DR

Não adivinhando por certo as quarentenas destes nossos dias fatídicos, mas com a experiência de quem já viveu outros incertos e ansiosos tempos, A. Campos Matos diz-nos qual seria o seu conteúdo para «Duas malas de livros numa emergência», uma interrogação a que cada um pode responder antes de o ler e depois comparar. Cada um de nós tem a sua biblioteca da ilha perdida, mas será espantoso descobrirmos preferências e coincidências. Este livro não foi por certo arrumado segundo os critérios de Diderot e D'Alembert, mas antes destinado a quem como que passeie num jardim botânico à procura de espécies raras, como são algumas das suas crónicas, às vezes muito ilustradas para melhor se entenderem, como é o caso daquela sobre a variedade e diversidade das dedicatórias dos autores a amigos, conhecidos e eventuais admiradores dos seus livros, neste caso ao autor destas crónicas, preâmbulo de uma verdadeira *Dedication*. Segue-se o que diz serem várias trivialidades sobre pessoas conhecidas, resistentes e desistentes e também os animais de companhia mais ou menos fiéis. O suicídio do pacifista Stefan Zweig. A "Santinha" de Balazar, a da Arrifana e outras.

Lá pelo meio «alguns poemas excepcionais», enquanto não sai o seu estudo sobre *Eça Poeta*, que em tempos me confidenciou ter muito adiantado e que já deve jazer numa das suas gavetas à espera da luz da imprensa. Mas por enquanto antologia aqui Leonor Almeida, Fernando Pessoa, Natália Correia, Vasco Graça Moura, Camões, Camilo Pessanha e António Feijó. E aí, a Ricardo Reis, vou buscar as palavras que este delicioso livro me inspira sobre o seu autor: «Segue o teu destino/ Rega as tuas plantas/ Ama as tuas rosas. O resto é a sombra/ De árvores alheias».

Comentários sobre o que é efémero. Comentários sobre o que perdurará no tempo. Quererá o autor entendê-los



Email
queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blospot.com
eca-e-outrasblogspot.com

Coordenação da página
queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:
Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas V.N. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telm.: 968 193 238

Lurdes Neves
docente universitária

Desafios à Liderança no Contexto Educativo no ensino público português

O que mudou? Quem mudou? E o que se transforma? As transformações de carácter económico, político, social, ambiental e tecnológico que têm emergido na sociedade criaram inevitavelmente mudanças nos paradigmas de gestão das organizações e dos processos de trabalho. Face à complexidade e ambiguidade dos contextos de operacionalização, a natureza estratégica das decisões e (re)ações passou a fazer parte integrante da realidade quotidiana das organizações educativas, incluindo do papel desempenhado pelos seus líderes. O exercício da função de líder e as competências exigidas têm vindo ainda a ser alvo de contínuas redefinições na eficácia e eficiência do desempenho do sistema organizacional no seu todo. Destaca-se a relevância da liderança transformacional com um fator diferenciador de sucesso nas organizações educativas e uma das chaves da mudança enquanto catalizadora de relações positivas com os diferentes níveis de desempenho – individual, grupal e organizacional.

Associadas ainda às inúmeras mudanças e turbulências do meio, surgem igualmente as dimensões ética e moral que interferem no exercício da liderança. A liderança deve, pois, basear-se quer no estabelecimento de uma ligação emocional enérgica e potenciadora entre o líder e os liderados, quer em princípios morais e éticos, social e institucionalmente aceites e expressos através da cultura organizacional existente, bem como dos valores, crenças e ideais criados e expandidos dentro das organizações.

Atendendo à relevância da ética e moral nas organizações e dos fatores cruciais que subjazem à sua construção, a liderança encontra-se entre aqueles que mais contribui para esse desiderato. Os líderes educativos assumem particular relevância no desenvolvimento do caminho a seguir e na promoção de estratégias promotoras de confiança, encorajamento e reforço de desempenhos de excelência de forma a contribuir para que as organizações que dirigem se revistam de um caráter mais humano, sejam respeitadoras, responsáveis e éticas, sendo um verdadeiro exemplo de altruísmo – servir primeiramente o outro.

Efetivamente, este sistema de ensino tem sido tradicionalmente caracterizado por mecanismos de gestão fortemente centralizados. Todavia, os diretores escolares e os professores têm testemunhado e vivenciado uma mudança que reporta a uma autonomia imposta, agregando em si a exigência de uma maior flexibilidade na abordagem ao currículo escolar facultado pelas escolas. Neste sentido, estas deixaram de ser percebidas como "agências de prestação de currículo" para se assumirem e desenvolverem o currículo de forma diferenciada e diferenciadora.

Adicionalmente, o campo mais concreto do exercício da profissão de professor tem sido muito afetado ao longo dos anos pela crescente burocratização dos procedimentos e processos de trabalho, pela maior responsabilização incutida por parte dos diversos atores e partes interessadas do sistema educativo e até mesmo pelo escrutínio e desmérito público. Em conjunto, estes fatores de mudança têm vindo, inevitavelmente, a contribuir para um decréscimo da motivação dos professores, da identificação com a profissão docente e do comprometimento face às suas escolas, bem como para a sua, cada vez mais, generalizada insatisfação no trabalho.

Na medida em que o principal contributo profissional do professor é largamente resultante de uma construção social, esta é inevitavelmente marcada pela ambiguidade e complexidade do contexto cultural, político e histórico em que se enquadra ao nível político, profissional e institucional.

Adicionalmente, é também no domínio escolar que o líder (i.e., o diretor escolar e lideranças intermédias) articula, incentiva e mobiliza os profissionais com quem trabalha para a concretização dos objetivos que se prendem com a construção de uma educação de qualidade, da melhoria das competências adquiridas e das classificações escolares atingidas pelos discentes. Consequentemente, é mais do que expectável e compreensível a identificação de dificuldades e desafios específicos do exercício da liderança escolar e na profissão de professor.

Na verdade, quando a missão institucional está concentrada no desenvolvimento quer de crianças quer de jovens ao nível da sua formação e educação, o exercício de uma liderança não só transformacional como também ética e moral assume uma relevância mais significativa, com efeitos evidentes na sociedade em geral. De referir, neste sentido, que as dimensões ética e moral da atividade organizacional têm vindo a destacar-se como uma preocupação para os políticos, investigadores e outros atores sociais devido às suas consequências podendo assumir particular relevância quando estas se reportam ao contexto educativo. Por conseguinte, consideramos que os efeitos da conduta das instituições e dos seus líderes nas relações interpessoais que se estabelecem com os professores determinam o bem-estar psicossocial de todos os participantes do processo educativo e formativo.

As lideranças escolares poderão evidenciar-se na promoção de contextos com baixo nível de controlo que estimulem a autonomia, onde cada indivíduo possa enveredar por escolhas próprias, bem como internalizar e integrar normas e valores. Por conseguinte, enfatizam-se como ferramentas predominantes a necessidade de desenvolvimento de um sentido de responsabilidade para as atividades a realizar ou desafios a enfrentar e a criação de possibilidades e de oportunidades para participar nas tomadas de decisão, onde a compreensão de eventuais situações negativas ou mesmo de tarefas com um nível de dificuldade mais elevada são potenciadoras da emergência de emoções negativas. Ou seja, os líderes escolares têm o poder e o dever de potenciar a criação de climas organizacionais que contribuam para a promoção da realização das necessidades de autonomia e do relacionamento interpessoal positivo entre os professores. Através desta via, estes líderes poderão aumentar a motivação intrínseca dos

FOTO: DR

professores bem como a capacidade de internalizar a motivação extrínseca dos professores e desenvolver o comprometimento afetivo especificamente com a sua escola e possibilitarem a concretização de um desempenho eficaz nas atividades que os professores realizam, a satisfação no trabalho que desenvolvem, o bem-estar psicológico percebido e, consequentemente, desencadearem atitudes positivas face à escola.

Os estilos da liderança constituem fatores promotores do comprometimento afetivo e da ligação que é possível o professor estabelecer à sua escola e são facilitadores do clima organizacional de escola e do apoio proporcionado aos professores.

Para além dos estilos de liderança dos diretores das escolas, destacam-se outros fatores significativos que têm vindo a ser descritos como catalisadores ou inibidores do comprometimento dos professores, demarcando-se, pela sua relevância, o comportamento do aluno, o apoio administrativo percecionado, as exigências apresentadas pelos pais em cada nível de ensino e as políticas nacionais de educação adotadas poderão contribuir positivamente para o comprometimento dos professores.

Assim é particularmente relevante salientar os processos profundos de reestruturação e de mudanças sistemáticas e continuadas que o contexto educativo tem sofrido ao longo dos últimos anos, como consequência das orientações formuladas pelo Ministério da Educação português. Neste contexto, a temática da liderança tem vindo a assumir um papel cada vez mais determinante, sendo reconhecida como um dos pilares fundamentais das instituições educativas, no sentido de catalisar mudanças de melhoria na eficácia, eficiência e qualidade da sua missão educativa e formativa, bem como dos sistemas e processos de gestão no seu global.

Coloca-se, portanto, o foco do problema em estudo na figura central do diretor e no conteúdo das competências necessárias para a liderança das escolas, bem como na sua responsabilidade de governo de um território verticalizado de níveis de ensino. Isto é, o diretor terá de desenvolver as competências que lhe permitam representar e gerir hierarquicamente todos os serviços técnicos e administrativos da sua escola ou agrupamento, bem como assegurar a qualidade do ensino no(s) vário(s) estabelecimento(s) e o seu respetivo património e equipamentos. Estas competências enquadram-se ainda na prestação de contas ao conselho geral mas também às autarquias, através da sua representação neste órgão, bem como à administração educativa central e local.

Esta centralidade que a figura do diretor tomou e a consequente responsabilização da sua atuação acentuam a necessidade de avaliação da sua conduta enquanto líder. Ainda que as dimensões ética, transformacional e moral constituam uma componente que tem vindo a ser identificada como determinante para o exercício da liderança nos diversos contextos organizacionais e institucionais, onde se incluem igualmente as instituições educativas, tem crescido a necessidade e preocupação em estudar estas mesmas dimensões, no sentido de aprofundar a compreensão do seu papel e relevância para os líderes, assim como dos seus efeitos nos comportamentos e atitudes dos liderados.

Pensar na mudança e mudança com a mudança do sistema educativo. Só assim se torna possível a construção de uma perspetiva mais ampla e profunda sobre a forma que os líderes pensam as escolas do ensino público obrigatório português e qual o tipo de liderança predominante no seio destas instituições bem como as estratégias e práticas de motivação por eles desenvolvidas e implementadas.

António Ferro
músico

Wynton Marsalis no Splash (Porto)

FOTO: DR

Contemplei pela primeira vez o Wynton Marsalis, no Cascais Jazz em 1983.
Tinha ganho recentemente os prémios de melhor trompetista clássico e melhor trompetista de jazz, o que para um jovem de vinte e dois anos é algo heteróclito.
Era muito desaprovador a outros géneros musicais que não fossem jazz e, quando Brandford actuou com o Sting, o irmão não foi poupado...
No dia 25 de Junho de 1992, era então director artístico do Coliseu do Porto, aí estava um Wynton diferente e transmutado, de casaco aos quadrados e que, no final do ensaio de som, me perguntou se poderiam levar os instrumentos para o restaurante.
- Claro que sim! Respondi prontamente.
E no final do jantar, lá estavam, em fila e de instrumentos em "punho", a alegrar os clientes que ficaram estupefactos e agradados com tal atitude.
Era a altura certa!
Informei-o que essa noite actuava no Splash (Bar no Centro Comercial Dallas), no Porto, com o seu maior "fan", o trompetista Eduardo Santos e que teria imenso prazer na sua visita.
Deixei o contacto do local e o telefone de um taxista amigo, mas nunca pensei que o maior trompetista do mundo nos fosse visitar.
Estávamos a finalizar o concerto, penso que com o quinteto da Paula Oliveira, abriu-se a porta e lá estava ELE – o maior trompetista do mundo no Splach!
O Eduardo entupiu e eu aproveitei para apressar a finalização do tema.
- Senhores e Senhoras, temos o enorme prazer de convidar o trompetista Wynton Marsalis para tocar um tema connosco.
O Wynton subiu a palco e pediu um blues em fá. A seguir à apresentação do tema, fez o gesto para o Eduardo iniciar o seu solo. Passados breves compassos, encostou a sua boca ao meu ouvido e disse:
- Este gajo está a tocar as minhas malhas todas!
- Eu avisei-te, não te disse que ele era o teu maior "fan"...
- E agora o que é que eu toco?...

Wynton Learson Marsalis, nasceu em Nova Orleans a 18 de Outubro de 1961. É o director do curso de jazz no Lincoln Center em Nova Iorque e dirige a Lincoln Jazz Orchestra. É um excelente pedagogo, aprendi muito com ele, o que me ajudou a montar o "Jazz vai à Escola".
A lista de músicos com os quais actuou é extensa, vou apenas salientar alguns: Dizzy Gillespie, Arturo Sandoval, Herbie Hancock, Jack DeJohnette e Bobby McFerrin entre outros. Sem esquecer a sua melhor escola, quando actuou no Jazz Messengers do baterista Art Blakey, em 1980. Uma verdadeira escola de músicos e por lá passaram: Horace Silver, Clifford Brown, Benny Golson, Wayne Shorter, Keith Jarrett, Chuck Mangione...
Foi homenageado com o "Prémio Pulitzer de Música" em 1997 e a "Medalha Nacional de Humanidades", da Casa Branca, em 2016.
E agora o seu maior "fan", o Eduardo Santos.
Conheci-o em Lisboa era ainda muito novo, trouxe-o para o Porto.
Tocou e gravou no meu quinteto de jazz KAF e rapidamente actuou ao lado dos melhores músicos do norte. Era um indivíduo com uma capacidade de entrega a projectos inovadores extraordinária e criou o seu próprio selo, para a edição de discos.
Foi viver para Espanha, começou por tocar na rua e, em pouco tempo, juntou-se a grandes músicos e actuou em diversos festivais internacionais.
Um desses dias, em que nos achamos intocáveis e ilibados, despistou-se de motorizada, numa viagem para Viana do Castelo, onde ia actuar no grupo do pianista Paulo Gomes, e faleceu, com a viçosa e tenra idade de trinta e cinco anos.
Fico feliz por ter-lhe dado, provavelmente, a melhor prenda do mundo – actuar ao lado do seu ídolo, Wynton Marsalis.

Dia Mundial da Língua Portuguesa

No próximo dia 5 de Maio comemora-se, pela primeira vez, o Dia Mundial da Língua Portuguesa. A União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, Porto, preparou um programa que prevê comemorar o dia e que será levado a cabo no fim do isolamento que se vive. A elaboração do programa contou com o apoio do presidente da União de Freguesias, Nuno Ortigão, a vogal da Cultura, Maria de Lacerda, com o apio de uma comissão constituída por personalidades ligadas às letras e que cooperam com a União de Freguesias (Carolina Abreu Amorim, Isabel Ponce de Leão, Joaquim Pinto da Silva, José Valle de Figueiredo, Manuel Novaes Cabral, Maria Augusta Sarmento e Matilde Eça de Queiroz)

Com a Língua Portuguesa
Somos verso e poema,
Sabedoria e beleza,
Viagem que vale a pena.
Vai o Mundo a descobrir-se
Com palavras nossas, antigas,
Mas sempre novas,
Vai o Mundo a abrir-se
Com o nosso canto e encanto.
E da ousadia com que falamos,
Da alegria com que vamos,
Com as palavras que dizemos,
É o próprio Mundo que nos diz
Que só fala porque falamos.

José Valle de Figueiredo

PNA cria projecto educativo interdisciplinar

O Plano Nacional das Artes (PNA) associa-se à urgência de dar uma resposta à situação criada pela pandemia de coronavírus, quer na comunidade escolar, quer no sector cultural. Nesse sentido, criou uma página online dedicada a recursos pedagógicos transdisciplinares, que agrega os melhores exemplos que cruzam as diferentes áreas científicas curriculares com a arte, o património e a cultura, para poderem ser úteis a professores, pais e alunos. A encomenda de mais recursos pedagógicos a artistas, mediadores e associações culturais, reformulando o plano de actividades do PNA para 2020, alocando mais verbas a esta medida, é, também, uma forma de apoiar o sector cultural nesta situação inesperada de cancelamento ou adiamento de projectos. Para mais informações: https://www.pna.gov.pt

Medidas de apoio ao sector do Livro

O Ministério da Cultura anunciou a criação de medidas de apoio destinadas ao sector do livro. É um programa de aquisição de livros, a preço de venda ao público, dos catálogos das editoras e livrarias, até um máximo de cinco mil euros por editora e livraria, no valor global de 400 mil euros. Destina-se às pequenas editoras e livrarias que sejam pessoas colectivas dotadas de personalidade jurídica, com sede no território de Portugal, com actividade editorial ou livreira regular há pelo menos dois anos. São elegíveis para aquisição obras de poesia, de ficção, de teatro, de banda desenhada, de literatura infanto-juvenil e de ensaio nas áreas das artes e do património cultural, escritas em Português e por autores portugueses. Por outro lado, foi igualmente decidido antecipar para Maio a abertura das bolsas de criação literária com um valor global de 180 mil euros. Este valor representa um reforço no imediato de 45 mil euros, face ao valor de 2019 e à dotação orçamental inscrita para 2020, sem prejuízo da abertura de mais bolsas de apoio aos autores no segundo semestre. Assim, o Ministério da Cultura irá atribuir seis bolsas anuais e 12 bolsas semestrais, apoiando 18 projectos originais de criação literária. As medidas foram anunciadas no Dia Mundial do Livro, 23 de Abril. [Mais informação: https://www.culturacovid19.gov.pt/medidas-de-apoio-ao-setor-do-livro/]

Abertas candidaturas à BF20

Estão a decorrer, até 4 de Maio, as candidaturas à BF20 - Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira. Para além do Prémio Bienal de Fotografia (tema livre), os candidatos podem submeter os seus trabalhos à distinção em duas categorias temáticas: Concelho de Vila Franca de Xira e Tauromaquia. O Prémio Bienal de Fotografia tem o valor de cinco mil euros e o das categorias temáticas é de mil euros. Caso sejam seleccionados, os candidatos deverão entregar os trabalhos a expor entre 26 e 30 de Outubro. A BF, promovida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, é uma das mais antigas e reputadas mostras dedicadas à arte fotográfica em Portugal. Prevê-se que a exposição esteja patente no Celeiro da Patriarcal em Vila Franca de Xira de 21 de Novembro a 7 de Fevereiro de 2021. [Regulamento: https://www.cm-vfxira.pt/cmvfxira/uploads/writer_file/document/21985/regulamento_bf20.pdf]

Livraria Lello cria Prémio «Contos da Quarentena»

A Livraria Lello (Porto) criou um novo prémio, Prémio «Contos da Quarentena», que desafia os que gostam de escrever e têm algo a contar sobre estes dias de recolhimento social. Com este desafio, a Livraria Lello procura descobrir e ajudar a revelar seis autores, nacionais e internacionais, que apresentem obras inéditas de ficção literária, na área do conto, da sua autoria e que não tenham sido apresentados em nenhum outro concurso que eventualmente se encontre com decisão pendente. O concurso decorre até 31 de Maio e devem ter entre uma a duas dezenas de páginas, sendo cada um dos contos seleccionados premiados com um valor de mil euros e um contrato de edição pela Livraria Lello. [Regulamento: https://bit.ly/2RC0tKs]

Abertas candidaturas ao Prémio Levallois

Criado em 2008, o Prémio Levallois apoia fotógrafos com menos de 35 anos, de todas as nacionalidades. O objectivo deste prémio francês é seleccionar entre a produção fotográfica internacional (sem quaisquer limites de tema ou formato), projectos de qualidade, originalidade e excelência. O vencedor recebe um montante financeiro de dez mil euros. As candidaturas estão abertas até 2 de Maio. [Informações: https://prix-levallois.com/en/the-prize]

Concurso Lusófono da Trofa

Está de volta o Concurso Lusófono da Trofa, organizado pela Câmara Municipal com o apoio do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua. Este concurso literário internacional tem como objectivo promover a literatura infanto-juvenil e incentivar a criatividade literária premiando uma obra inédita de um autor lusófono. O concurso inclui três prémios: o Prémio Matilde Rosa Araújo (dois mil euros), o Prémio Lusofonia (mil euros) e o Prémio Ilustração (mil e quinhentos euros). As obras a concurso devem ser enviadas, sob pseudónimo, até 31 de Maio. [Regulamento em: www.mun-trofa.pt]

Candidaturas à BIENALSUR 2021

Estão a decorrer as candidaturas à BIENALSUR 2021 - Bienal Internacional de Arte Contemporânea da América do Sul. Podem concorrer artistas e curadores de qualquer nacionalidade com projectos de pesquisa artística e curatorial com vista a integrarem o programa da próxima edição da mostra, que ocorrerá sob o tema «We stay home, we keep creating», simultaneamente em diferentes países da América do Sul, mas também de África, da Ásia, Europa e América Central e do Norte. As candidaturas estão abertas até 15 de Junho. A BIENALSUR é um projecto organizado pela UNTREF, uma universidade pública argentina. O formulário de inscrições está disponível em: https://bienalsur.org/en/page/convocatoria [informações: https://bienalsur.org/en]

Vaudeville Rendez-Vous adiado para 2021

O Festival Internacional Vaudeville Rendez-Vous, promovido pelo Teatro da Didascália, adiou a sua sétima edição, agendada entre 22 e 25 de Julho, devido à incerteza gerada pela pandemia da Covid-19. A decisão foi tomada juntamente com as autarquias co-produtoras do festival – Barcelos, Braga, Guimarães e Vila Nova de Famalicão – e a Associação Quadrilátero. Actualmente, o Teatro da Didascália está, em conjunto com companhias e artistas programados para 2020, a trabalhar no reagendamento dos seus trabalhos em 2021. No próximo ano, aquele que é considerado o maior festival de circo contemporâneo da região norte regressa entre 21 e 24 de Julho.

Disponível n.º 3 da revista «Um Ano Um Tema»

Encontra-se disponível para download gratuito, no sítio do Museu de Lamego [www.museudelamego.gov.pt], o número 3 da revista «Um Ano Um Tema». "Este número teve como principal objectivo estabelecer o diálogo entre os objectos, e seus contextos, e as entidades que os fizeram chegar a Lamego, como forma de melhor conhecer a história do Museu de Lamego e as suas colecções, e a sua relação com a cidade".

Casa da Música com novo canal digital

"A 15 de Abril de 2005, a Casa da Música foi oficialmente inaugurada. O edifício, que desafinava da cidade, era olhado com desconfiança por uns e entusiasmo por outros. Surpreendia pela irreverência da arquitectura e corporizava, desde logo, a ambição e a dimensão internacional do projecto artístico, cultural e social que acolhia. Recebia bem artistas, compositores, maestros, músicos, performers e todos os profissionais necessários para levar a palco a sublime arte da música. Da mais antiga à mais contemporânea, da mais popular à mais erudita, todas as músicas tinham o seu palco e o seu público. Progressivamente, a Casa foi conquistando cada vez mais pessoas, qualquer que fosse o gosto ou a cultura musical, pelo simples prazer que a música dá, desafiando todos a ouvir para lá do que conhecem". A data do 15.º aniversário foi assinalada pelo lançamento de um novo canal, o blog https://blog.casadamusica.com/, para partilhar concertos do acervo da Casa e lançar uma série de outras iniciativas digitais. "É evidente que já existem as redes sociais mais tradicionais, mas entendemos que precisávamos de um espaço mais nobre, mais sossegado, menos ruidoso para partilhar o acervo, que é grande já, de concertos", segundo o director artístico da instituição sediada no Porto, António Jorge Pacheco.

Adiada a 20.ª edição do FIMFA Lx para 2021

No contexto da conjuntura actual da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), o FIMFA Lx - Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas anunciou, para 2021, o adiamento da sua 20.ª edição, que teria lugar entre 7 e 24 de Maio. A organização tenciona apresentar na edição de 2021 os artistas que estavam programados para a edição deste ano.

«Em cena tu!»

Perante a quarentena geral o Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery (TMMCN) desafia todos os espectadores e amantes das artes da representação a fazer um pequeno vídeo de tema livre, com duração máxima de cinco minutos, e enviar até ao próximo dia 3 de Maio para teatro.constantino.nery@cm-matosinhos.pt. As melhores propostas da iniciativa «Em cena tu!» serão partilhadas e serão oferecidos bilhetes em tempos de acalmia.

«Evita» estreia em Outubro em Portugal

O espectáculo semi-encenado que retrata a vida de Eva Perón, artista e líder política argentina, chega a Portugal em Outubro, numa estreia inédita com produção e elenco 100 por cento originais e portugueses. Com produção de Armando Calado, produtor artístico e cantor lírico, o musical «Evita» terá encenação de Pedro Ribeiro e coreografia de Sofia Loureiro. O espectáculo vai levar a palco mais de uma centena de artistas portugueses, tendo como protagonistas Madalena Alberto (Eva Perón), FF (narrador Che) e Mário Redondo (Juan Domingo Perón). Contudo, há ainda uma parte do elenco que não está decidida e cujos castings decorrem a 16 e 17 de Maio, no Cine-Teatro de Almeirim, em Santarém. Os castings dirigem-se a pessoas com capacidade de canto, movimento e representação. Todos os interessados deverão submeter a sua candidatura até ao dia 10 de Maio para o e-mail armandocaladoproducoes@gmail.com. Entretanto, os bilhetes para as datas de estreia de «Evita» – a primeira, no Porto, a 10, no Super Bock Arena - Pavilhão Rosa Mota, e a segunda, em Lisboa, a 17, na Altice Arena – já se encontram disponíveis.

Ginasiano Escola de Dança com audições online

O Ginasiano Escola de Dança, sediado em Vila Nova de Gaia, abriu audições online para o Ensino Artístico Especializado de Dança, tendo como destinatários os alunos que no ano lectivo 2020-2021 frequentem o 2.º e 3.º Ciclo e Secundário – uma situação excepcional tendo em conta os impedimentos provocados pelo Covid-19. A inscrição será feita através de formulário disponível em www.ginasiano.pt/audicoes e as audições vão realizar-se através de vídeos enviados pelos candidatos.

Abertas candidaturas ao Prémio Victor de Sá

O Conselho Cultural da Universidade do Minho tem abertas, até 17 de Julho, as candidaturas ao Prémio Victor Sá de História Contemporânea, considerado o principal galardão nacional para jovens investigadores da área. A distinção tem um valor pecuniário de 3500 euros e destina-se a cidadãos portugueses e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa que tenham até 35 anos de idade. Os trabalhos concorrentes devem versar sobre a História Contemporânea Portuguesa [Mais informações em www.conselhocultural.uminho.pt].

Ester de Sousa e Sá lança trilogia bilingue

«O Aventureiro Ganso-Patola do Cabo Africano», «The Adventurous African Cape Gannet» é uma trilogia bilingue (Português/Inglês), de Ester de Sousa e Sá, que conta a história de Gilberto Ganso. "O personagem principal é um ganso-patola muito especial. É curioso, sonhador e aventureiro, características que o levam a explorar o mundo. A curiosidade levou-o a querer saber o que havia para lá da colónia africana, onde habitava com outros da sua espécie. Chegado à idade adulta, enquanto outros gansos da mesma idade se preparavam para acasalar, Gilberto Ganso sentia-se insatisfeito com a ideia de ter de fazer o mesmo, seguindo as normas convencionais do reino das aves. Não se conformava com a rotina, tinha de ir à procura do desconhecido, tinha de satisfazer o seu sentido de aventura antes de se prender. Queria gozar a liberdade de escolha, de ter livre arbítrio para seguir o destino que o coração lhe ditava. Assim, se tornou num ganso-patola imigrante... Para além dos relatos e aventuras de Gilberto Ganso, sua companheira Gilda Ganso e filhotes, os três livros, que compõem esta trilogia, estão enriquecidos com muita informação didáctica sobre estas aves marinhas. E como todas as fábulas, também esta passa uma mensagem". Os livros infanto-juvenis têm ilustrações também da autoria de Ester de Sousa e Sá e podem ser adquiridos um de cada vez ou os três em conjunto, com uma cinta envolvente igualmente desenhada pela autora. O primeiro volume foi reeditado e revisto.

CAA lança desafio

Em tempos de confinamento e isolamento social, a equipa do Centro de Artes de Águeda lançou o desafio à população de, num pequeno vídeo de até 60 segundos, gravar um vídeo ou áudio de uma área artística da sua preferência em casa, na varanda ou no jardim, e que o identifique no instagram com as hashtags #estamoscaa e #centroartesagueda e o CAA partilha-o nos stories.

UNESCO lança desafio aos mais pequenos

No actual contexto da pandemia de COVID-19, são inúmeros os desafios que se colocam aos pais e responsáveis por crianças pequenas, na sua grande maioria fora do ambiente escolar e sujeitas ao confinamento. Confinamento que talvez possa constituir uma oportunidade de aprendizagem, de criatividade e de descoberta para os mais jovens. Com vista a incentivar a criatividade, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) lança a iniciativa, a decorrer até 17 de Maio, de desafiar crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos a conceberem e desenharem um site sobre o património mundial da UNESCO. Que irá proceder a uma selecção dos desenhos, com base na qualidade artística, originalidade e diversidade, a apresentar no website da entidade promotora. [Informações: https://www.instagram.com/p/B_KIydQqDMe/ e www.facebook.com/unesco/photos/]

Dia Internacional da Dança

Em 1982, o Comité Internacional da Dança do Instituto Internacional do Teatro (IIT) fundou o Dia Internacional da Dança, que se celebra, anualmente, a 29 Abril. Dia em que se assinala o dia de nascimento do bailarino francês Jean-Georges Noverre (1727-1810), o criador do ballet moderno. Anualmente, uma mensagem internacional é escrita por uma personalidade da dança mundialmente conhecida e difundida pelo mundo. Este ano, o autor escolhido pelo IIT para escrever a mensagem foi o bailarino, coreógrafo e pedagogo sul-africano, Gregory Yuyani Maqoma (1973). Os objectivos do Dia Internacional da Dança são, fundamentalmente, reunir o mundo da dança, prestar homenagem à dança, celebrar a sua universalidade, franqueando todas as barreiras políticas, culturais e étnicas, juntar e reunir a Humanidade em amizade e paz em torno da dança, esta linguagem eloquente e assertivamente, universal.

Comunidade de Leitores 'Chá com Letras' promove sessões literárias online

Perante as actuais circunstâncias de contenção da pandemia Covid-19, a Biblioteca Municipal de Vila Nova de Cerveira está a adaptar alguns dos seus serviços para o formato digital. Depois da Hora do Conto, é a vez da Comunidade de Leitores «Chá com Letras» passar a estar disponível com sugestões semanais para o público geral. O projecto de leitura online será semanal, às quartas-feiras, às 15 horas, mantendo as rotinas dos encontros presenciais da Comunidade de Leitores. Para participar, basta aderir ao grupo Comunidade de Leitores Chá com Letras, na página do facebook da Biblioteca Municipal de Vila Nova de Cerveira [https://www.facebook.com/groups/267750950894744/].

TMP retoma programação em Setembro

O Teatro Municipal do Porto (TMP) regressa à sua actividade em Setembro, integrando na nova temporada todos os espectáculos não apresentados entre Março e Julho, período durante o qual a programação foi suspensa devido à pandemia por Covid-19. Assim, os 22 espectáculos e concertos que estavam agendados para este período serão integrados na temporada 2020/2021, abrangendo os projectos que seriam apresentados no TMP no âmbito do Festival Dias da Dança. O Teatro Municipal do Porto assume assim a totalidade dos compromissos com artistas e companhias, salvaguardando desta forma o reagendamento de toda a programação anunciada e indo ao encontro das expectativas dos artistas e do público.

Postais ilustrados mostram Porto de outrora

«Porto. Postais ilustrados antigos nas coleções da BPMP» é um dos mais relevantes fundos documentais que as Bibliotecas Municipais do Porto reservam. São mais de 700 postais para ver sem sair de casa, que mostram como eram as ruas, mercados e jardins da cidade, desde o final do século XIX. Memórias de um Porto antigo, quase desconhecido, em jeito de exposição virtual [http://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/Postais/PIp/Porto.htm].

António Oliveira
doutor em Ciências da Literatura

Mil anos me separam do horizonte da morte
e tantos mais da solidão.
Mas quando comecei a escrever
um ramo de oliveira crescia dentro de mim
e pousou no silêncio de uma mão.
Era azul a sua seiva
e vinha talvez do céu
viesse talvez do mar.
E na sede mais alta da ternura
um suspiro teimava em caminhar.
Cada árvore que se move é um peregrino cansado
em busca de uma pequena ermida
com raízes doridas mas fulminantes de vida.

A. Riomonte
poeta e ficcionista

WUHAN

Medonha e impercetível, uma voz soou para os lados de Wuhan: "Ide e replicai-vos".
E logo um alvoroço de asas se ergueu, sobrevoando as noites de Wuhan.
O anjo branco aguardava às portas da cidade e, ao ver que as asas da noite se abatiam sobre ela, desembainhou a espada e lutou até à exaustão.
Entrincheirados nas muralhas da cidade atónita, os habitantes entreabriam cautelosamente as janelas, e às janelas entreabertas assomavam bocas escancaradas de espanto.
Postos em quarentena à loucura dos dias vorazes, interrogavam-se agora acerca da possibilidade do impossível. Nunca ninguém lhes havia falado de Wuhan. Só a voz do poeta lhes chegara em surdina, certo dia: "Por mais azul que seja o teu céu, paira nele uma pequena nuvem que, de súbito, se adensa, se desprende, te encharca e regela."
Abria-se, assim, uma nova página na história da filosofia: da possibilidade do impossível.
Questionaram o rei, mas o rei ia nu e os magos mandaram dizer que só tardiamente chegariam a Belém.
Então, a cidade-resignada aguardou o regresso à normalidade, sem perceber que é no regresso à normalidade que se soltam os ventos de Wuhan.

J. Esteves Rei
prof. universitário

Mudanças impensáveis na minha rua...

1. Terminada a quarentena, subo aos andares de cima da casa. E fico, olhando a rua e os campos, alongando-se pelo verde, a perder de vista, até à grande cidade, o Porto, ao fundo. Que ouço? Silêncio, silêncio, como se fora noturno, em pleno dia, sepulcral, porque epidémico... Parece até as aves estarem confinadas, desapareceram! O mundo parou? As pessoas sumiram? A vida foi-se? Há quem compare as coisas a uma situação de guerra. Quem fale que o mundo não voltará a ser o mesmo. Ainda, aqueles para quem é, simplesmente, a Natureza em busca de equilíbrios, face aos exageros humanos. Será... a cada um, sua razão, donde observa o que se passa.

2. Vejamos. Que mudou à sua volta? Na sua família, entre os amigos, no local de trabalho, no bairro, na cidade, região, país? Compatriotas regressam ao país, em nome da solidariedade nacional. Empresas param, visando a saúde pública. Recolhemo-nos em casa e temos novos adereços, luvas, máscaras e álcool... A prática religiosa é suspensa e surgem novas manifestações de religiosidade de igrejas e pessoas. Assim é o gesto do papa em união e representação da "ecclesia" cristã, na Praça de S. Pedro, vazia. São assim os funerais, tornados atos cívicos, administrativos, tarefas militares, como em verdadeiro estado de sítio... Sem próximos, familiares e amigos, nem afastados, ligados profissional, política e socialmente, a poderem acompanhar aquele que parte... Dói. Impensável, há bem pouco tempo. Exige nervos de aço, resiliência, esperança e crença em que "o sol brilhará para lá dos montes... A união entre forças políticas, se para uns é natural em tempos de aflição generalizada, não deixa de manifestar maturidade cívica e comunitária, verdadeiro humanismo, anterior a qualquer organização social ou regime político. De estranhar é quando isso não acontece. Que ética subjaz ao ganho político advindo de populismos absurdos de quem põe à frente do bem-comum o interesse pessoal?

3. A mudança está em marcha. Até quando? Ninguém sabe. Preparemo-nos e aprendamos a (con)viver com ela. Com serenidade e paz, interior e exterior, na solidariedade e fraternidade que envolvem todos os homens-irmãos nesta casa comum, que é o planeta Terra. No entretanto, procuremos armaduras fortes como a palavra sábia dos clássicos e do povo, de qualquer origem. Pois os universais da Sabedoria não têm lugar nem tempo, como prova a amostra seguinte.
"Lavra, Maro, os campos / e semeia as tuas penas. / Se cravo para ti florir / O amor para mim definha. / Se o manjericão doce para ti florir / à noite vem até mim de pés descalços. / Se as violetas para ti florirem / Beijar-nos-emos até de madrugada." (Sérvia). "Pus-me a contar as estrelas / Contei duzentas e doze / Com as duas dos teus olhos / são duzentas e catorze." (Portugal) "Na gota de orvalho o sol brilha: / a gota de orvalho seca. / Nos teus olhos, o teu brilho: / e eu tão vivo." (Aztecas, América).
"As coisas que desejamos / tarde ou nunca as recebemos, / e as que menos queremos / mais depressa as alcançamos. // Porque a Fortuna desvia / aquilo que nos apraz, / mas o que pesar nos faz / ela mesma p'ra nós guia. / E pelo que mais penamos/ alcançar não o podemos, / e o que menos queremos / muito depressa alcançamos." (Espanha) "Quem bem faz muro de paz / Torres de irmandade, / Vai viver em farto haver / E felicidade. // Pois maior é no valor / Entre irmãos a vida, / Do que adaga que esmaga / Hoste aguerrida." (Roménia) "Tenho dentro de meu peito / duas escadas de flores / por uma descem suspiros / por outra sobem amores." (Portugal) "I – Sinto quase um arrepio, / Meu Platão, só de pensar / Que andei anos a estudar. / É tempo de ir ver o rio. / No verde matar a sede / Lá nas fontes cristalinas / Onde há flores belas, tão finas, / E o pescador arma a rede. // II – Que ganha quem assim estudou? Só desventura e tormento. / E o ribeiro, entre tanto, / Da vida quase chegou / ao seu fim, e eu receio / Nem me ter apercebido. / Tudo volta (sem sentido) / à terra de onde proveio. [...]" (Alemanha) (In "Rosa do Mundo. 2001 Poemas para o Futuro" (Manuel Hermínio Monteiro, dir.). Lisboa: Assírio e Alvim).

Castro Guedes
encenador,
director artístico da SeivaTrupe

E depois da Covid 19: O Teatro?

Não tenho o discurso *panglossiano* de "o teatro sempre viveu em crise (ou sempre se disse que o teatro estava em crise) e nunca morreu". Fora boa vontade, ele não corresponde ao rigor da verdade. Mesmo na Europa, desconhece-se notícia de teatro entre os séculos IV/V e o XI/XII. E civilizações houve que viveram – e atingiram magnitudes, mesmo de lazer, fulcrais no seu interior – que desconheceram o teatro, tanto quanto se sabe: pesquise-se em civilizações da África, sobretudo interior, ou no Continente Sul-Americano antes da chegada dos colonos europeus, por exemplo. Contrapor as danças tribais ou cerimónias religiosas de ritualismo por afirmação teatral é esquecer que o teatro o é, como o disse Brecht (e eu há muito que deixei de ser *brechtista*), no momento em que (nascendo daí) ele se desprende da Religião, para se afirmar actividade própria. A não ser assim, então teatro é tudo o que é *mimésis* ou diálogo presencial. Mas eu não estou a falar disso, de todo. Tendo tido origem nas manifestações religiosas (de forma evidente, nos seus dois 'nascimentos' europeus, na Tragédia Grega e na Dramaturgia Litúrgica medieval), uma celebração de uma Missa – tenha a teatralidade ritual que tenha – é, permanece, um acto religioso (independentemente da maior ou menor Fé de quem a ela assiste ou até de quem a celebra), mas não é, de todo, teatro, se entendido como manifestação artística própria, autónoma e específica.

Em boa verdade, o teatro, tal como o conhecemos no sentido para que evoluiu, mesmo tendo muitíssimas variáveis, é um fenómeno predominantemente (ou exclusivamente?) euroasiático, sendo que as civilizações africanas mediterrânicas se inscrevem nessa *placa cultural euroasiática*. Portanto essa outra coisa de dizer que "o Homem sempre viveu com o teatro" exprime mais um desejo do que a verificação de um facto. O Homem pode viver sem o teatro; por isso mesmo, aliás, é que importa preservá-lo, como constructo civilizacional; de contrário tal não era necessário. A Humanidade, mesmo já no *Homo Sapiens*, viveu centenas de milhares ou milhões de anos sem teatro. Mesmo só tardiamente é que outros 'parentes' entraram em cena: tenham sido manifestações cénicas de proximidade como danças, tenham sido tradições de mera oralidade de contar *estórias*. Aliás, se nas pinturas rupestres aparecem claramente evocações de diversos aspectos da vida humana, nada indicia qualquer uma de inequívoca alusão a teatro, ao contrário do que no Egipto, 2.500 anos antes de Cristo se tem como certas as representações dos (ou nos) Mistérios de Ísis e Osíris. Ou seja, ele não pertence a uma necessidade imanente do Ser Humano.

Assim, clarificado este falso axioma do *teatro como sempre existente*, podemos falar do que se quer dizer no título do artigo. Dicotómica e simplificadamente, há, parece haver, pelo menos de forma mais visível e em pólos opostos, duas possibilidades, tão mais acentuadas quanto maior for o tempo de duração da pandemia e a necessidade de manutenção destas ou outras (ou mais ou menos agravadas) formas de a prevenir, retardar e combater pelo isolamento.

Uma é a de exponenciar os meios de comunicação digital e à distância, encontrando nestas novas formas as expressões que proporcionem estímulos neuro-sensoriais aparentemente idênticos para as necessidades da *copresencialidade* do teatro[1]. Podem esses novos hábitos encerrar factores, a seu favor, vários: o poder atractivo dessas formas, a novidade exponencial, a facilidade de acesso, a variabilidade subjectiva do seu usufruto (em calendário de hora e dia e de vezes), a escolha prévia do tipo do objecto absolutamente personalizada, a *interactividade*, o seu 'redimensionamento/reconstituição' a gosto, o baixo custo, o incremento de desenvolvimento de respostas tecnológicas novas e muitas outras coisas, incluindo as que não atinjo ou consigo prever. Ou, em tal caso, no mínimo reduzir o teatro para uma expressão ainda mais minoritária (que já era no nosso país, de forma agravadíssima no século XXI, ainda que por outras razões, políticas, que não cabe aqui dissecar) e torná-lo absolutamente residual no papel a (que deixa de todo de) cumprir. Esta é uma possibilidade real, ainda que seja pensamento do autor destas linhas de que, muito mais para a frente, esse mesmo fenómeno é o que, atingida a saturação do recurso ao digital, vai (poder) reabrir portas ao teatro, caso a Humanidade persista ou reapareça, porque, isso sim, faz parte da sua natural imanência a necessidade da *copresencialidade* por razões que ultrapassam o sensorial e se encontram no espiritual. Mas também nada garante que a necessidade da *copresencialidade* (sensorial e mesmo espiritual) não possa ser garantida por outras formas não-teatrais (recreativas e não-recreativas) e os demais aspectos a que o teatro se tornou uma resposta (comunicativa, emocional, imitativa, o que seja) possa ter formas até não-presenciais lúdicas que 'inutilizam' a necessidade do *constructo* teatral... É, por muito que nos custe, uma possibilidade.

A outra, inversa, é a da avidez imediata da *copresencialidade* e das demais necessidades a que se fez referência, revalorizando-as, depois de se ter experimentado de forma radical aquilo mesmo para que a tecno-sociedade digital já nos vinha atirando, determinar um regresso do teatro a uma nova *aetatem auream* para si. Mas para isso não só tem ele de rapidamente saber 'tomar o pulso' a essa mesma oportunidade, como encontrar os mecanismos de alavancagem (desculpem este termo tão de moda!), que lhe permitam recriar um tecido produtivo já antes corrompido pela política de evento, dispersão de verbas e verbas minguadas de financiamentos estatais, desprezo de várias comunidades civis (ir)responsáveis – da esmagadora maioria das autarquias à não menos esmagadora maioria no mundo empresarial e mesmo universitário – e dos erros crassos de onanismo dos próprios criadores. Embora seja bastante plausível que Estado, Universidade e meio empresarial se *reeduquem* também com esta mesma pandemia, num curto prazo histórico de 10, 20 ou mesmo 50 anos.

Mas, de facto, não há 'modelos' com respostas nem na psicologia, nem na sociologia, nem na economia, nem na política para esta novidade que é esta pandemia num Mundo acelerado pela *globalização*. Mas há um domínio, o da filosofia (também hoje esquecida como centro determinante de acção), que permite, no sentido nobre da palavra, especular. [Que é o que aqui se faz] E até se pode admitir que a Humanidade, enquanto Humanidade, chegou ao fim, mesmo que fiquem indivíduos, mais biónicos ou menos biónicos, por aí a escravizar chagas de restos da Humanidade. Ou a esta crise sanitária, a que se seguirão a económica, social e, provavelmente, existencial, outra pandemia, magistralmente retratada por Ionesco num dos seus textos menos conhecidos[2], seja a que se segue concretizando-se em vivência ou somente elemento ficcional para nos repensarmos.

[1] Quando insisto no aspecto da *copresencialidade*, faço-o por considerar esta como parte indispensável da *ontogénese* do que o teatro é. A remediação por outros meios criarão novos objectos, tão ou mais conseguidos até, mas que, definitivamente, não são teatro.

[2] Refiro-me a "Jeux de Massacre" em que as pessoas estão todas de quarentena, contagiando-se pelo olhar, até se descobrir que o surto pandémico é a própria solidão: publicada na Gallimard, 1981.

Manuel Paulo
poeta

E agora?

Também tu. Também eu.
Também o teu e meu vizinho
do sexto ou quarto andar.
Também esses quantos que beijavas,
tangias, acolhias, afagavas,
faziam saltar e rir de felicidade
o teu e o meu coração.
Que eu vejo esvoaçando miríadas de letras
sem pátria nem destino – e busco-lhes o sentido.
Que eu escuto esse pranto dos usados e recentes
rechaçando a solidão – e recuso dar-lhe a mão.
Que eu cheiro a dor ensopada em profecias
buscando a redenção – e esse dia tarda a chegar.
Que eu percorro solitário o meu caminho
com ganas de tocar – e só o vento me afaga.
Que eu acalento o credo no Homem Bom,
que desafia o sono e o medo – e vislumbro a salvação.
Que eu apalpo o gel, o sabão e a aurora
na busca da verdade – e vejo-a a chegar.

Que tu e eu em histórias ao pôr do sol
fazemos sorrir as crianças de felicidade.
Que a partilha de bens entre odiados
gerando novos próximos – eu vejo aproximar.
Que um riso aberto, mesmo que distante
vale mais que aquele abraço – que no antes distraído.
Que multidões de heróis de máscara e batina
desafiando a morte – são seiva da esperança.
Que as redes digitais, buscando novas fugas
à fome e à solidão – são o mundo em convulsão.
E eu creio
que esta avalanche de dores, de mortes, de vidas partilhadas,
de fomes, de prantos, solidões, de heróis sem nome,
sem sono, sem medos nem títulos de jornal,
de angústias, de dúvidas, descrença, de histórias de encantar,
são fermento salvífico que leveda um novo pão
que alimentará um Homem Novo, que parte e reparte
por quantos têm fome de amor e de alimento.

E eu creio que quando isto terminar,
com o teu e meu vizinho
do sexto ou quarto andar
e esses quantos que beijavas,
tangias, acolhias, afagavas,
e faziam saltar e rir de felicidade
o teu e o meu coração.
um Novo Mundo gerará.

Susana Cunha Cerqueira
professora

Alguém falou em economia?

Não vou falar de COVID-19. Ponto.
Existiram os "Knights of the Round Table" (KRT) e depois os "kinghts" da European Round Table of Industrialists (ERT), com objetivos distintos como é evidente, mas não tanto! Os KRT sentam-se lado a lado com uma absoluta paridade, sem qualquer tipo de hierarquia, concorrendo uns com os outros para glorificação através de um feito heroico. Se na Idade Média eram 12 *Knights*, o que é natural, pois estamos a falar do séc. V, atualmente, no séc. XXI, são 55 (e vai entrar mais um...). Os ERT também postulam metas e objetivos, mas a paridade e a hierarquia será igual?
Poderíamos elencar os elementos dos KRT, mas não terá qualquer utilidade, todavia enumerar os ERT faria todo o sentido, mas também não será feito por ser fastidiosa qualquer listagem (*e.g.* ABB, Volvo, L'Oreal, BMW, Heineken, BASF, Rolls-Royce, Shell ou Deutsch Telekom, Sonae). Se os KRT são movidos por algo Superior que os mantém numa única via – o Bem (claro que no séc. V também já existiam lendas!), os ERT são movidos por ideais que promovem o Bem (mais lendas!), mas que representam a *autoridade patriarcal da economia*, em que Christine Lagarde é a exceção das exceções, pois matriarca.
Não tem qualquer importância se são os KRT ou se são os ERT. Podem ser quaisquer uns – apenas a afinidade de cavalheiros que se reúnem em favor do Bem, apesar de não se perceber qual. O que releva na realidade é o facto de Homens se congregarem com um objetivo único: dirigir a *economia* da pessoa, do indivíduo. "Alguém tem de o fazer!" – dirão em plena consciência e terão toda a razão, claro!
Mas de tão *claro* ser se vislumbra o obscuro.
Os indivíduos, a pessoa, o indivíduo, fica vinculado à economia de *Knights* e não à economia do que é melhor para o bem comum. Como sempre, anda alguém a pensar, neste caso, a economia, pelo indivíduo. Xenofonte criou a palavra economia – *oikonomía* (*oikos* que significa casa e *nomía* lei, ordem), sendo um circuito circular, fazendo-se economia de uma forma integrada, o que poderá ter levado Kate Raworth a pensar numa outra forma de fazer economia.
Contudo, quem continua a gerir a economia da casa, a economia do indivíduo? Não é o indivíduo, a pessoa humana, pois a pessoa passou a chamar-se consumidor cujo objetivo é, obviamente, gastar, pois logo surge a *new brand* que move o ser para a sua própria obsolescência mental, obrigando-o a consumir.
Quem não tem um cartão ou dois ou três que dão descontos, e cupões, e que fidelizam? E que depois contactam e mandam mensagens para lembrar o que até se poderia querer esquecer? Quem não dá os seus contactos móveis?, a sua data de nascimento?, indica o sexo?
O resto da pesquisa é feita para nos oferecer o que queremos, o que não queremos, lembrar-nos o que já deixamos de querer e libertar serotonina, oxitocina, dopamina, adrenalina... para querermos o que ainda não está previsto, mas que nós vamos querer... Que volúpia cerebral!!
E o cérebro voluptuoso pelo ver, pelo tato, pelo cheiro... move o desejo. O desejo daquele que, tendo tudo, se alimenta do próprio desejo e nos faz desejar e querer o que é exorbitante e *extra-ordinário*, porque, sendo finitos na carne, resvalamos para o prazer da infinitude (longínqua no tempo, cremos nós!), mas *não somos mais egípcios*! Apenas o *Au-Delà* levinasiano, o Além, com a comum mutação degradante da carne, exige que sejamos Ser. Ponto.
E, deste modo, com a nossa quimera de infinitude e com o desejo continuamos a alimentar os *Knights* que continuam a reinventar e a questionar o que economicamente podemos ou não podemos comprar ou fazer. A economia é a nova potestade à volta da qual todas as áreas da sociedade se curvam.
Contudo, estamos no Séc. XXI, na era da *alter-modernidade*, segundo Nicolas Bourriaud, dizendo que a *crise económica internacional* põe um ponto final ao modernismo e ao pós-modernismo. *Et voilà... C'est terminé*: um *alter* que vive em si, para o Outro, sendo ele próprio Outro no e para o mundo, no equilíbrio do desequilíbrio.
Porém, de imediato nos lembramos do sucesso dos ABBA: Money, money, Money!
O *money* da economia dos *Knights atuais*, numa sociedade global, numa perspetiva holística, com cidadãos que são *flâneurs* apátridas, tem de pensar o ser humano como algo mais que um número, com mercados que apenas atendem ao PIB. Existem outras vertentes que são necessárias num mundo decadente: uma perspetiva holística de pensar a economia sem ser o PIB, mas a conjugação integrada, sistémica do planeta Terra (*e.g.* sociedade, agregados familiares, indivíduo, pessoa, consumos, gastos, necessidades, obsolescência programada), visando um dinamismo fluído, com uma conceção de economia distributiva, embora não propriamente *equalizante*, mas com a dignidade ontológica que cada indivíduo possui, com necessidade de sistemas que se regenerem, sem caírem na obsolescência, não sendo o crescimento do produto interno bruto uma necessidade autofágica.
Já falei de COVID-19. Ponto.

Isabel Pereira Leite
bibliotecária

Histórias do dia e da noite

Ilustração de Filomena Vasconcelos

O sono tinha-se perdido e, com ele, também o sonho.

O sonho tinha cara de verdade, mas era mentira, porque quando Manuel acordou percebeu que continuava sozinho, estendido na relva do jardim, onde andara às voltas desde o cair da noite.

Se tivesse asas, o sonho não teria sido um sonho mentiroso. Manuel teria voado e teria acabado por encontrar a porta da Casa para onde ela tinha ido viver três anos antes.

Essa viagem misteriosa que ele gostaria de ter feito com ela, tê-los-ia levado em sorrisos e alegria, em cúmplice ternura, em lânguida doçura, a um lugar do qual não teriam querido voltar. Ela acreditava nisso e não se cansara de lho repetir nas últimas semanas. Manuel só tinha era vontade de ir com ela, porém, apenas lhe fora dado vislumbrar o prenúncio da viagem, carregando, agora, a triste e pesada recordação do momento da partida a que assistira como se estivesse do lado de fora de si próprio.

Nessa altura, teria preferido que tudo fosse mentira. O vazio que logo começara a instalar-se dentro dele, impedia-o de pensar e sentir ao mesmo tempo. Achava-se roubado, espoliado, ludibriado. Deixara-se enganar, deixara-se ultrapassar pela pressa da partida e essa "coisa" avassaladora tomara-o por inteiro.

Quando o momento chegou, ela não o levara consigo. O que Manuel viu foi o fundo dos céus nos olhos dela, enquanto se afastava. Portanto, ela tinha asas. A ele, faltavam-lhe. Por isso ficara. Tudo, em redor, deixou, então, de existir.

Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Poderia ter sido tão simples: ela tê-lo-ia levado, ele teria ido, sem hesitar. Mais tarde, apetecera-lhe fugir. Via aquela lua que a mulher apaixonada que ela fora nunca se cansara de olhar. Ele nunca chegara a saber que entre ambas existia um entendimento secreto. A distância não era impedimento. Todo o espaço era translúcido e elas cruzavam olhares serenos, à noite, quando se olhavam nos olhos.

Manuel não a quisera ver mais, àquela lua. O ar patético, pungente com que então, intencionalmente, lhe virou as costas tinha sido esclarecedor.

Um homem ferido, sangrando, um homem com a alma na mão sem saber o que fazer com ela. Uma alma tão pesada que tinha que ser pousada em qualquer lugar, entregue à sua sorte, porque Manuel preferia o vazio.

Seria? Tinha perdido todas as certezas, o tempo nada lhe dizia; não tinha significado algum. Os dias não eram longos, nem as noites. Não! Longa era a ausência envolvida em saudade, a solidão que se instalara dentro dele, desde aquele dia.

Afinal, assim sendo, não era o vazio que estava lá. Havia algo que tinha começado a doer. Manuel tinha passado a conviver com a dor e começado, com ela, um diálogo que os mantinha presos; acabara por querer procurar a alma de chumbo que perdera algures.

Mas onde? Onde é que se reencontra uma alma a quem fizemos esconder-se de nós, uma alma que não quisemos por perto? Onde?

Primeiro é preciso querê-la próxima, mesmo que a aproximação prenuncie mais dor. Depois, há que saber encaixá-la de novo no lugar que foi o dela. Pode não se ajustar ao espaço vazio que outrora ocupou.

Se houver determinação, muita mesmo, porque o esforço tem que ser enorme, pode ser que ela queira, de novo, moldar-se para caber outra vez no seu espaço. Fá-lo-á vibrando, lutando, chorando sem lágrimas, gritando sem que se ouça. Será como que o anúncio de uma transfiguração que só acontecerá se valer a pena, se for desejada.

Manuel não estava muito seguro da sua coragem, mas tinha percebido que, quase sem querer, tinha começado a sentir a falta dessa outra dimensão do seu ser, a que lhe permitia vislumbrar o indefinido para além da bruma. Tinha uma estrada para percorrer, tinha sim, mas levá-lo-ia onde?

Estava cansado! Precisava de sentir paz! Paz sofrida, mas inadiável, paz em elaboração, mas profunda.

Manuel esfregou os olhos com força, acariciou a barba e passou repetidamente as mãos pelo cabelo indisciplinado. Levantou-se devagar e olhou em redor a exuberância de um jardim a acordar. Tudo aquilo era, também, memória dela e continuava vivo e belo, persistindo em oferecer-se todas as manhãs.

Em algum lugar o coração dela continuava a bater. Batia, tinha de bater, e, porque era assim, Manuel escancarou as portas para que a alma entrasse, acedendo ao convite.

P.S.: Com o Adagio de Albinoni gravado na alma, fui deixando correr a pena.

00265
9 771647 290000

A caminho dos 11 anos

CONSIGO